



“CORAÇÃO, CABEÇA E ESTÔMAGO” NA UERJ 2024.

+ DE 100 QUESTÕES DISCURSIVAS COM GABARITO

AUTORAS E AUTORES:

Aleska Hessel Cabral
Alexandre Batista
Alexandre Jose Brito Guedes
Bruno Sousa
Camila Correa
Charleston Chaves
Claudia Oliveira
Daniela Porte
Daíse Assunção
Felipe de Alvarenga Ferreira
Felipe de Andrade Constâncio
Gabriel Nascimento Reis

Giuliano Machado Abbagliato
Hilma Ribeiro
Jaqueline Barros
Juliana da Silva Vieira
Juliana Rodrigues da Silva
Letícia Alves Duarte Corrêa
Livia Paiva dos Reys
Luana Cristine da Silva Duarte
Mônica de Souza Pinto
Renata da Silva
Rosane Monteiro do Nascimento
Sueli dos Santos
Welington Silva Santana de Oliveira

Hilma Ribeiro
(Organizadora)

Hilma Ribeiro
(Organizadora)

“Coração, Cabeça e Estômago” na UERJ 2024

Ponta Grossa
2023

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Organizadora

Prof.ª Dr.ª Hilma Ribeiro

Capa

Welington Silva Santana de Oliveira

Revisão

A Organizadora e Autores

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYÁ Editora©

Imagens de Capa

Canva.com

Área do Conhecimento

Linguística, Letras e Artes

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva

Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza

Centro Universitário Santa Amélia

Prof.ª Dr.ª Andréa Haddad Barbosa

Universidade Estadual de Londrina

Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos

Instituto Federal do Amapá

Prof.º Dr. Carlos López Noriega

Universidade São Judas Tadeu e Lab. Biomecatrônica - Poli - USP

Prof.º Dr. Clécio Danilo Dias da Silva

Centro Universitário FACEX

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria de Genaro Chirolí

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota

Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis

Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof.ª Ma. Denise Pereira

Faculdade Sudoeste – FASU

Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig

Universidade Federal do Paraná

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos

Universidade Federal do Amapá

Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva

Universidade Estadual de Londrina

Prof.º Dr. Gilberto Zammar

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, IF Baiano - Campus Valença

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza

Universidade Federal de Sergipe

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso

Universidade de Santa Cruz do Sul

Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues

Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão

Faculdade Santa Helena

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior

Universidade Federal de Roraima

Prof.º Me. Jorge Soistak

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Ubajara

Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti

Universidade Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim

Faculdade Sagrada Família e Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.ª Ma. Lucimara Glap

Faculdade Santana

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof.º Me. Luiz Henrique Domingues

Universidade Norte do Paraná

Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa

Instituto de Tecnologia e Pesquisa, ITP

Prof.º Dr. Myller Augusto Santos Gomes

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes

*Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus
Pauapebas*

Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira

Instituto Federal do Acre

Prof.ª Ma. Rosângela de França Bail

Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais

Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens

Faculdade Sagrada Família

Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares

Universidade Federal do Piauí

Prof.ª Dr.ª Silvia Aparecida Medeiros

Rodrigues

Faculdade Sagrada Família

Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

**Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda
Santos**

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues

Instituto Federal de Santa Catarina

© 2023 - **AYA Editora** - O conteúdo deste Livro foi enviado pela organizadora para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional (CC BY 4.0). As ilustrações e demais informações contidas neste Livro, bem como as opiniões nele emitidas são de inteira responsabilidade da organizadora e não representam necessariamente a opinião desta editora. Este livro, incluindo todas as ilustrações, informações e opiniões nele contidas, é resultado da criação intelectual exclusiva da organizadora. A organizadora detém total responsabilidade pelo conteúdo apresentado, o qual reflete única e inteiramente a sua perspectiva e interpretação pessoal. É importante salientar que o conteúdo deste livro não representa, necessariamente, a visão ou opinião da editora. A função da editora foi estritamente técnica, limitando-se ao serviço de diagramação e registro da obra, sem qualquer influência sobre o conteúdo apresentado ou opiniões expressas. Portanto, quaisquer questionamentos, interpretações ou inferências decorrentes do conteúdo deste livro, devem ser direcionados exclusivamente à organizadora.

C788 Coração, cabeça e estômago na UERJ: 2024 [recurso eletrônico]. / Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira (organizadora) -- Ponta Grossa: Aya, 2023. 67 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-390-3

DOI: 10.47573/aya.5379.1.201

1. Literatura - Estudo e ensino. 2. Inclusão escolar – Literatura. I. Ferreira, Hilma Ribeiro de Mendonça. II. Título

CDD: 808.07

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

**International Scientific Journals Publicações
de Periódicos e Editora LTDA**

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

WhatsApp: +55 42 99906-0630

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

INTRODUÇÃO

Este livro é o resultado do comprometimento e da dedicação de um grupo diversificado de colaboradores, todos unidos por um propósito singular: promover uma educação mais justa e inclusiva, impulsionando o progresso social, individual e coletivo. Fruto do projeto de extensão "Rodas de Leitura Lélia Gonzalez", desenvolvido no Colégio de Aplicação da UERJ (CAp/UERJ) e coordenado pela Profa. Dra. Hilma Ribeiro, esta obra representa uma síntese do esforço conjunto de acadêmicos, professores e estudantes bolsistas que se empenharam em unir a academia à sociedade.

O projeto "Rodas de Leitura Lélia Gonzalez" tem como objetivo principal superar as barreiras que, muitas vezes, se interpõem entre os alunos do Ensino Médio e o acesso ao Ensino Superior. Para alcançar esse objetivo, o projeto adota uma abordagem inovadora, integrando pesquisa e extensão, e estabelecendo uma conexão direta entre a universidade e o ambiente escolar. Isso é feito com a colaboração de alunos das disciplinas de estágio de língua portuguesa e literaturas da UERJ, bem como alunos bolsistas de extensão e de Iniciação Científica, além desses, pesquisadores da comunidade interna e externa da UERJ também participam ativamente das atividades. Os diferentes grupos envolvidos neste projeto desempenham papéis complementares e cruciais na elaboração deste material. Os alunos das disciplinas de estágio de língua portuguesa e literaturas da UERJ aprendem a desenvolver materiais de análise contextualizada dos fatos de linguagem para o ensino, o que é essencial para a capacitação dos futuros professores de língua portuguesa e literatura. Além disso, os alunos bolsistas de extensão se dedicam a diversas atividades relacionadas às metodologias do ensino do português, promovendo uma educação mais inclusiva. Neste contexto, os bolsistas de Iniciação Científica desempenham um papel fundamental ao pesquisar as intersecções entre língua e literatura, contribuindo para a criação de materiais pedagógicos que valorizam o uso linguístico e sua relação com a leitura e escrita.

Neste livro, você encontrará o resultado desse esforço coletivo, uma compilação de materiais pedagógicos de alta qualidade que visam capacitar e inspirar professores e alunos a enfrentar os desafios do ensino e da aprendizagem de língua portuguesa e literatura, ao mesmo tempo que estabelecem uma ponte entre a academia e a sociedade. Convidamos você a explorar as páginas deste livro e a se juntar a nós nesta jornada de transformação educacional.

Wellington Silva Santana de Oliveira

Graduando em Letras (Português/Inglês) na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista de Iniciação Científica do projeto "Intersecções teóricas e práticas de Língua, Linguística e Literatura na metodologia de ensino do português". Membro do projeto de extensão "Rodas de Leitura Lélia Gonzalez"

CONTEXTUALIZANDO “CORÇÃO, CABEÇA E ESTÔMAGO” ...

Neste primeiro momento retomamos, em forma de questões, pontos da exposição do livro abordados pelo professor Carlos Henrique Fonseca, na live ocorrida em 31/10/2023, com vistas de popularizar o acesso ao contexto literário de produção da obra “Coração, cabeça e estômago”. Tais conhecimentos podem ser acessados no nosso endereço de Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=NLd0Sa7JiGg&t=4251s> ou pelo QR Code abaixo, por acreditar que, tais pontos, são centrais para o entendimento da abordagem do livro.



Fragmento 1:

“A simpatia que o meu defunto amigo granjeou postumamente na república das letras e das tetras impõe-me o dever de empurrar portas dentro da imortalidade tudo que lhe diz respeito. O meu amigo Antônio Augusto Teixeira de Vasconcelos achou que Silvestre algumas vezes abusava do vocabulário dos eufemismos.”

Questão 1: Ao citar “defunto amigo”, encontramos um ponto de contato importante com o sintagma “defunto autor”, presente na obra de Machado de Assis. Comente sobre essa comparação tendo em vista outros elementos do contexto de produção vistos no início dos dois romances.

Fragmento 2:

“Os dias corriam plácidos e felizes para nós, quando D. Martinha tomou uma criada, que era mulata. Mas que anjo das estuvas zonas onde a pele está calcinada, como devem está-lo as fibras do coração! Que mulata!, que inferno de devorante lascívia ela tinha nos olhos! Que tentação, que doidice me tomou de assalto apenas a vi em roda do meu leito, fazendo a cama! O menor trejeito era uma provocação; o frêmito das saias era um choque da pilha galvânica! Ó minha virtude pudibunda! Estavas estragada por D. Martinha! Amei a mulata, com todo o ardor do meu sangue e dos meus vinte anos! Pedi-lhe amor, como se pede a um Serafim de neve e rosas, a quem a gente ajoelha e ora de longe, com medo de os desmanchar com o bafo. Quando a exorava, parece que os nervos me retorciam os músculos; e os músculos se contraíam em espasmos de luciferina delícia! Lembra-me que me ajoelhei a seus pés um dia, beijando-lhe as mãos, que perfumavam o aroma de cebola do refogado. Melhor me lembra ainda que me ergui de seus pés vitorioso, e feliz como nunca um réu perdoado se ergueu dos pés de rainha do Congo!”

Questão 2: Nesse fragmento ocorre uma sexualização da mulher negra, na medida em que o seu corpo é descrito com lascívia.

A) Por qual motivo ocorre uma perda de paz na casa de Dona Martinha?

Leia o poema “Endechas a Bárbara escrava”, de Luiza de Camões:

Aquela cativa
Que me tem cativo,
Porque nela vivo
Já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
Em suaves molhos,
Que pera meus olhos,
Fosse mais fermosa.

Nem no campo flores,
Nem no céu estrelas,
Me parecem belas,
Como os meus amores.
Rosto singular,
Olhos sossegados,
Pretos e cansados,

Mas não de matar.

Uma graça viva,
Que neles lhe mora,
Pera ser senhora
De quem é cativa.
Pretos os cabelos,
Onde o povo vão,
Perde opinião,
Que os louros são belos.

Pretidão de Amor,
Tão doce a figura,
Que a neve lhe jura,
Que trocara a cor.
Leda mansidão,
Que o siso acompanha;
Bem parece estranha,
Mas bárbara não.

Presença serena
Que a tormenta amansa;
Nela, enfim, descansa,
Toda a minha pena.
Esta é a cativa
Que me tem cativo;
E. pois nela vivo,
É força que viva

B) Transcreva o fragmento em que ocorre intersecção com o seguinte poema de Luís de Camões:

Fragmento 3:

“Vi Paula no teatro: no seu camarote entravam as pessoas de mais brilho na sociedade lisbonense, e cortejavam-na com reverência igual à adoração.

Vi Paula nos bailes: os grandes do reino, os milionários, os anciãos reputados modelos de honra e austeridade, honravam-se de lhe darem o braço e de se curvarem a apenhar- lhe o leque do chão.

Vi o nome de Paula inscrito na lista das damas que socorrem os aflitos, pelo amor de Deus, e se chamam, na linguagem dos localistas, as segundas providências na Terra.

Vi, finalmente, que D. Paula era a mulher que o mundo respeitava, sem embargo do conde, e dos amigos íntimos do conde, e do mestre-escola, único bode expiatório de tamanhas patifarias!”

Questão 3:

A mulher que o mundo respeita e a mulher que o mundo odeia são exemplos importantíssimos na análise da crítica que Camilo Castelo Branco faz sobre a idealização feminina. De que forma isso ocorre nesse fragmento?

Fragmento 4:

“Ficaram comigo três irmãs, e minha mãe em sua casa, vivendo da mesada que eu lhe dera até ao fim, já quando a furtava à boca e à decência do vestir. Chamei minhas irmãs, que eram já mulheres, e disse-lhes que era necessário morrermos todas. Ouviram-me espavoridas. Disse-lhes que a morte era simples e rápida se acendêssemos dois fogareiros num quarto e fechássemos portas e janelas. Lançaram- se a mim a chorar. Não queria morrer.”

Questão 4:

Nesse momento da narrativa, “a mulher que o mundo odeia” confere importante distinção da “mulher que o mundo ama”, revelando uma crítica social feita ao feminino. Em que consiste esta crítica?

Fragmento 5:

“Nunca se dá que os romancistas, nos digam o que elas comem, quantas horas dormem, quantos cozimentos de quássia tomam para dessaburrar o estômago, qual género de alimento preferem, que doutrinas de higiene adoptaram, quantos amantes afagam para cicatrizarem os golpes da perfídia com o pêlo do mesmo cão. Mal haja uma literatura que transtorna fundamentalmente a digestão e o sono, estes dois poderosos esteio da saúde, da graça, da formosura e de tudo que é poesia e gozo neste mundo! Se alguma vez o romancista nos dá, no primeiro capítulo, uma menina bem fornida de carnes e rosada e espanejada como as belas dos campos, é

contar que, no terceiro capítulo, ali a temos prostrada numa otomana, com olheiras a revelar o cavalo do rosto, com a cintura a desarticular-se dos seus engonços, com as mãos translúcidas de magreza, os braços em osso nu e os olhos apagados nas órbitas, orvalhadas de lágrimas.”

Questão 5: Por que, nesse fragmento, há uma ironia do ideal romântico do “feminino”?

Questão 6: Cite três sintagmas em que haja essa ironia sobre a mulher idealizada.

Fragmento 6:

“Olhei em derredor de mim, procurando amigos que me roborassem a consciência da minha justiça, esmagada a coices de seus sacerdotes. Fugiam das minhas declamações os que me haviam excitado a verberar o doutor. Tive então nojo mortal da sociedade e de mim, que Deus fizera dum barro menos vil, mas amassado no fel e vinagre do que se chama força da alma e desprezo do martírio. Entendi que devia corrigir a obra do Criador. A minha primeira operação de reforma foi renunciar para sempre às manifestações da inteligência, e jurei comigo de nunca mais dar na estampa escrito que não abonasse uma conscienciosa parvoíce, talismã de tantos que aí correm, e à conta dos quais muitos meus colegas na imprensa se afortunaram e benquistaram com o mundo.”

Questão 7: Neste fragmento, também há uma relação de detecção de característica da obra "Memórias Póstumas de Braz de Cuba", que, assim como “Coração, cabeça e estômago”, ironiza o Romantismo e seus males. O que o narrador propõe para corrigir a visão romântica de mundo?

Fragmento 7:

Do romance Memórias póstumas de Brás Cubas":
“Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.”

Questão 8: O autor, ao iniciar seu texto, considera duas opções diferentes para o começo de suas memórias: seu nascimento ou sua morte. Ele explica suas razões para escolher um método não convencional. Como leitor, como você interpreta a decisão do autor de começar com sua morte em vez de seu nascimento?

Fragmento 8:

“Tomásia era um rapariga desempenada e com olhares derretidos. De entendimento era escura, como quem não sabia ler, nem tivera, alguma hora, desgosto de sua ignorância. Tinha vinte e seis anos e nunca estivera doente. Nunca tomara chá nem café. Almoçava caldo de ovos com talhadas de chouriço. O Sol, ao nascer, nunca a surpreendeu em jejum. Trabalhava de portas adentro com as criadas: fazia as barrelas, fabricava o pão, administrava a salgadeira e vendia os cereais e as castanhas. Regularmente calçava soquinhas debruadas de escarlate e sarapintadas de verde.”

Questão 9: Tomásia, a mulher com quem Silvestre se casa, é totalmente diferente das demais mulheres citadas no romance, criticadas por suas características físicas e psicológicas. Cite uma característica de Tomásia que exponha esse contraponto.

Fragmento 9:

D. Tomásia adorava-o e, sem o querer, polira-se por amor dele, a ponto de renunciar às suas antigas ocupações de portas adentro. Andavam à competência de quem engordaria mais; e, nas horas de dormir, excediam a toda a gente, menos um ao outro. Silvestre levara do Porto um cozinheiro, que contribuiu grandemente para derrancar o estômago do sargento-mor e dos padres. A mesa de Silvestre cobrou fama nos arredores, principalmente depois que o boticário, comensal insaciável, morreu de uma indigestão de almôndegas. Estava sendo no Verão que eu lá passei muito concorrida a casa de famílias remotas, entre as quais vi gente que o dilúvio respeitou, e eu também.

Questão 10: No final do romance, ocorre uma cena grotesca: a morte do boticário de tanto comer almôndegas. Cite outro aspecto caricato usado ao longo da obra, em seu preâmbulo.

Fragmento 10:

“Abri meu coração às mil quimeras; Encheram-mo de fel, e tédio, e alma, Tive, em paga do amor, riso de infama... Ai!, pobre coração!, quão tolo eras!

Dobrei-me da razão às leis austeras;

Quis moldar-me ao viver que o mundo ama O escárnio, a detracção me suja a fama,
E a lei me pune as intenções severas.

Cabeça e coração senti sem vida,

No estômago busquei uma alma nova E encontrá-lo pensei... Crença perdida!

Mulher aos pés o coração me sova; Foge ao mundo a razão espavorida; E por muito comer eu desço à cova!”

Questão 11: Por que o poema final do livro retoma as 3 partes do romance? Questão 12: Cite uma alusão a cada uma dessas partes, feitas nesse poema.

GABARITO:

Questão 1: Camilo Castelo Branco um expoente da literatura romântica portuguesa expõe em sua obra percepções de mundo que são pontos de contato na escrita de memórias póstumas de Brás Cubas.

Questão 2:

A) Os dias corriam plácidos e felizes para nós, quando D. Martinha tomou uma criada, que era mulata

B) Amei a mulata, com todo o ardor do meu sangue e dos meus vinte anos! Pedi-lhe amor, como se pede a um Serafim de neve e rosas, a quem a gente ajoelha e ora de longe, com medo de os desmanchar com o bafo.

Questão 3:

Ao citar a mulher que o mundo respeita. Neste caso, a Paula, ele mostra o lado obscuro da personagem, que pensa apenas em aproveitar a sociedade, ir a bailes, ser reverenciada, se fazer de caridosa mas, a mulher que o mundo odeia, no caso, Marcolina, que, ao contrário de Paula, era amante do Barão, mas era idônea e, de fato, apoiou suas irmãs e mães com os bens que ela conseguiu levar consigo, após deixar a casa do Barão.

Questão 4:

O narrador, ao expor o coração da mulher que o mundo despreza, que é aquela que

abre mão de tudo para sustentar sua família, estabelece uma crítica contrastante com a mulher apreciada por todos, que traía o marido, visando apenas seus recursos materiais.

Questão 5:

Porque, ao elogiar Tomásia, ele fala de seu apego ao que realmente seria importante: a satisfação corporal, comer e dormir sem idealizações românticas.

Questão 6:

“as mãos translúcidas de magreza”, “os braços em osso nu”, “os olhos apagados nas órbitas”

Questão 7:

Ele afirma que não vai mais escrever e critica a sociedade da época, de “consciosos parvoíce”, ou seja, tola, dada entrega aos ideais românticos, que também são abandonados pela escrita de Machado de Assis em seus romances realistas.

Questão 8:

A decisão do autor de começar com sua morte em vez de seu nascimento parece ser uma estratégia literária ousada e não convencional. Essa escolha inicial desafia as expectativas tradicionais de uma narrativa autobiográfica e imediatamente cria um senso de mistério e intriga. Essa decisão de começar com a morte em vez do nascimento pode nos levar a refletir sobre o ciclo da vida e a maneira como nossas histórias são moldadas não apenas pelo nascimento, mas também pelo que acontece até o fim da jornada.

Questão 9: Não era adepta dos ideais românticos, não lia romances idealizados, não vivia de tomar café/chá, não era fidalga, fazia os afazeres com os demais criados.

Questão 10: A cena do morto, a transformação em outras coisas do universo metafísico.

Questão 11: O soneto inteiro é dedicado à comprovação da desilusão ocorrida nos três capítulos, nem ser guiado pelos sentimentos, nem pela razão, ou pela satisfação da carne produzem realização do narrador, Silvestre da Silva.

Questão 12: No terceto final ocorre a alusão a essas três partes: “Mulher aos pés o coração me sova; / Foge ao mundo a razão espavorida; / E por muito comer eu desço à cova!”

CORAÇÃO

Coisas há hi, que passam ser sem cridas,
E coisas cridas há sem ser passadas...
Mas o melhor de tudo é crer em Cristo.
CAMÕES. (Soneto)

O meu noviciado de amor passei-o em Lisboa. Amei as primeiras sete mulheres que vi e que me viram.

A primeira era uma órfã, que vivia da caridade de um ourives, amigo do seu defunto pai. Chamava-se Leontina. Fiz versos a Leontina, sonetos em rima fácil, e muito errados, como tive ocasião de verificar, quando os quis dedicar a outra, dois anos depois.

Leontina não tinha caligrafia nem ideias; mas os olhos eram bonitos e o jeito de encostar a face à mão tinha encantos.

1. No período composto “A primeira era uma órfã, que vivia da caridade de um ourives, amigo do seu defunto pai.” Existem duas orações. Qual dessas duas orações constitui um atributo e como se classifica essa oração?
2. Transcreva desse fragmento um trecho com conjunção de valor adversativo, destacando essa palavra.

Nota

Eu sei mais alguma coisa que merece crônica.

Leontina subjugou o ânimo do marido; descobriu que ele era rico e gozou quanto podia das regalias do mundo, as quais vivera estranha até aos vinte e quatro anos. O ourives tomou gosto aos prazeres e esqueceu o valor do dinheiro, exceto o que dava às filhas, que lhe saía da secretária com pedaços de vida. Começaram pelos arlequins e pelos touros e acabaram no Teatro de S. Carlos o refinamento do gosto. Leontina andou falada na sua roda, como esposa fiel e admirável vencedora de tentações. Quase todos os amigos particulares do marido a cortejaram, sem resultado. Deu bailes em sua casa, donde era frequente saírem os convidados penhorados, às quatro horas da manhã; mas, duma vez, não saíram todos; ficou um escondido no quarto da criada, e lá passou o dia seguinte. O ourives ignorou muito tempo que a sua lealdade não era dignamente correspondida: porém, suspeitando um dia que a criada o roubava, fez-lhe uma visita domiciliária ao quarto, sem prevenir a esposa, e achou lá o filho do seu primo Anselmo, dormindo sobre a cama da moça, com a segurança de quem dorme em sua casa. Estava de moiras amarelas e vestia um chambre de lã do dono da casa! É o escândalo e mangação!

Foi chamada Leontina a altos gritos. Acordou o filho de Anselmo e foi procurar na algibeira do paletó um revólver. O quinquagenário viu cinco bocas de ferro, mais

persuasivas que a boca de ouro de Crisóstomo, o santo. Passou ao andar de baixo e gritou pelo código criminal. Leontina tinha fugido para casa da sua amiga e vizinha D. Carlota, pessoa de hipotética probidade. O escandaloso possessor do chambre despiu-o, vestiu-se, sacudiu as moiras amarelas, sentou-se a calçar as botas, acendeu um charuto, desceu as escadas serenamente e encontrou-se no pátio com dois cabos de polícia e um municipal. Dali foi para o administrador, que o mandou reter até ulteriores explicações.

Leontina, dias depois, foi para o Convento da Encarnação, onde esteve dois anos e donde saiu a tomar caldas em Torres Vedras, por consenso do marido, que a foi lá visitar e de lá foi com ela à exposição à Londres. Da volta da viagem, o ourives morreu hidrópico, legando às filhas umas inscrições, que rendem para ambas um cruzado diário, e à esposa uma independência farta em títulos bancários e em gêneros de ourivesaria. (...)

Sobre a segunda mulher:

A segunda era também minha vizinha. A casa em que eu vivia formava o cunhal dum quarteirão, com janelas para duas ruas. Assim podia passear os dois corações duma para outra janela sem dar suspeitas da minha doblez.

Nunca pude saber o nome da dama, nem lhe vi a preceito a cara. Entreluziam-lhe os olhos nas tabuinhas verdes das persianas, olhos que abonavam o restante das belezas. Vi-a uma ou outra vez na rua; mas o meu pudor era o mais vigilante anjo-da-guarda que ele tinha. Escrevi-lhe uma carta em vinte páginas e icei-lhe numa cartonagem de amêndoas, que ela, à meia-noite, pendurou da janela. No dia seguinte não a vi. Afligi-me até à desesperação, tomando como zombaria semelhante resposta à minha carta. Desafoguei na sincera amizade de um amigo, e este consolou-me, dizendo que a mulher podia estar doente, podia estar apaixonada (...)

3. Reescreva a frase “Entreluziam-lhe os olhos nas tabuinhas verdes das persianas” trocando o verbo por um outro, sem provocar mudança de sentido no enunciado.

4. Retire do texto duas hipóteses para a falta de correspondência amorosa do narrador.

5. Além do termo “entreluziam-lhe” há no texto o pronome “lhe” no termo “icei-lhe”. A quem esse termo se refere?

LEIA O SEGUINTE FRAGMENTO:

Fui com uma legião de amorinhos a voitar ao redor de mim. A patrulha viu-me atravessar a rua e conheceu, pelo passo, que eu era um mortal ditoso. Parou quando eu parei. Perguntou-me o que fazia eu ali quieto. Respondi-lhe que tomava a fresca;

e os janízaros responderam: “Veja lá que se não constipe...”.

Daí a pouco desceu a coifinha com um bilhete em abraço e eu lancei na coifa uma poesia intitulada: Ela!

Entrei no meu quarto, abri o papelucho, e li:

Gosto muito do seu estilo. Continue, que me entretém. Ontem não lhe apareci porque fui a Oeiras, e li a sua carta na presença de Netuno. Escreva muito, que escreve muito bem.

Sobre a segunda mulher:

Um caso me fez saber quem era aquela senhora, que eu desculpo e até respeito. Fora menina de finíssima educação, natural de Beja. Apaixonou-se por um conde de Lisboa e fugiu aos pais, cuidando que a ignomínia lhe viria a dar um marido. O conde deu-lhe casa, mesada e criados. Assim estava vivendo quando a conheci. Era amarga a existência da pobre senhora. O amante casara meses antes, para desempenhar o vínculo deteriorado. Do Património da esposa alargou a mesada à amante, que bebia. Deus sabe com que lágrimas, este segundo cálice de vilipendiosa dependência. Escrevera ela nesse tempo ao pai, pedindo-lhe perdão e asilo. Nunca teve resposta. Quando me deram estes esclarecimentos (1854), continuava ela a viver a expensas do conde e tinha um filho de cinco anos. Não sei mais nada. Ainda há pouco li o bilhete, recebido em 1849, e achei-lhe muitíssima graça. Deus lhe perdoe a noite que me deu e os onze dias de catarro, que me estragaram os brônquios para sempre.

Com respeito aos diferentes gêneros e suas características linguísticas, esses estariam – primeiramente – voltados para promover a interação entre os sujeitos participantes, sendo as diferentes peculiaridades linguísticas, elementos secundários de relevância para a interação social. Sobre isso, Luiz Antônio Marcuschi afirma que “Os gêneros surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais.” (Marcuschi, 2002, p. 20). É importante ressaltar que, a avaliação dos usos linguísticos nos gêneros que aparecem no romance está aliada às funcionalidades desses textos, que estão, dentro do contexto do romance, cumprindo certa função comunicativa. Nesse fragmento, a carta é instrumento de interação a partir de uma intimidade entre a segunda mulher e o personagem/narrador, seguida pela sequência narrativa em que ele parte dos porquês existenciais/afetivos dessa pretendente. Veja agora um outro exemplo de uso de nota no texto:

Chamava-se Margarida a dama. Viveu ainda até 1857 e morreu da febre-amarela, e o filho também. Conta-se que o conde, receoso do contágio, não ousara vir a Lisboa, das Caldas da Rainha, onde estava, quando Margarida o mandou chamar para despedir-se. Morreu contemplando os paroxismos do filho. Os criados abandonaram-na no último dia. Estava sozinha quando expirou. O conde está ótimo de saúde e transferiu a mobília de Margarida para os aposentos de uma criada, que a condessa expulsou de casa...

Dentro do romance, as notas possuem papel de explicação e, nesse caso, o desfecho existencial de Margarida é tematizado pelo narrador, que, ainda guiado pelo coração, se vê sem saber ao certo como lidar com as sete mulheres dessa parte do romance. Era a terceira uma dama quarentona, que frequentava a casa em que eu me hospedara. Tinha ela um mano, muito mal-encarado e vestido marcialmente, como capitão da carta, que era. A Sra. D. Catarina bailava gentilmente, conversava com todos os pespontos de tagarela muito lida em Eugenio Sue e conhecia todos os atalhos que conduzem à posse dum coração noviço. Declarou-se comigo e eu, urbanamente, acudi ao seu pejo, confessando que já me tinha primeiro confessado com a eloquência do silêncio. Trocamos algumas cartas, e numa das suas me disse ela que era proprietária de bens de raiz, que valiam seis contos de réis, e tinha, afora isso, uns dez burrinhos em Cacilhas, que anualmente lhe rendiam cento e cinqüenta mil réis.

6. Tendo em vista o contexto desse episódio, diga o sentido dos termos “marcialmente” e “pejo”:

“Fui ao hospital. Falei-lhe, e vi que estava de todo desfigurada. Consultei o facultativo da enfermaria e soube que minha irmã estava mortalmente doente de tubérculos pulmonares. Fí-la transportar para minha casa, por me lembrar que no hospital, a religião não poderia dar-lhe esperanças de melhor vida, agonizando ela entre as suas companheiras de desgraça, que continuamente vociferavam torpezas, ou praguejavam contra Deus, enfrenesiadas pelas dores.

“Ao sair do hospital, encontrei Augusto. Senti um abalo, como se visse ressuscitado um amigo morto e quase esquecido. Adiantou-se ele para mim, cumprimentou-me, e disse-me que andava estudando Medicina e estava no seu segundo ano, modo de vida que abraçara por ter parentes que o protegiam, conhecedores da malvadez com que o barão o perseguia.”

“Minha irmã morreu: já não podia vencer a morte. Prestei-lhe quantos auxílios cabiam em forças da amizade e da compaixão. Os paroxismos da infeliz foram tranquilos; e, se as lágrimas valem na presença de Deus, pode ser que o seu inferno fosse o deste mundo somente.” (Cap. VI, Coração.)

7. Diga quem é a personagem retratada nesse fragmento do romance e, em seguida, diga a quem se refere o sintagma “suas companheiras de desgraça”, contextualizando o uso desse sintagma no âmbito social dessas pessoas.

8. As palavras “mortalmente” e “continuamente” remetem às percepções do estilo de vida das mulheres às quais o risco social era algo comum. Mencione o tipo de processo de palavras que as produziram.

9. “Minha irmã morreu: já não podia vencer a morte.” Classifique o verbo em destaque com relação a sua transitividade, depois justifique a sua resposta.

10.

“...se as lágrimas valem na presença de Deus, pode ser que o seu inferno fosse o deste mundo somente.”

Observam-se três orações no fragmento acima. Qual é a relação semântica existente entre elas? Detecte essa relação de sentido e, em seguida, reescreva o período começando pela última oração, fazendo os ajustes necessários para manter essa relação.

11.

“Fui ao hospital(...)”

“Ao sair do hospital(...)”

“Minha irmã morreu (...)”

Nessas frases ocorre o uso das aspas, recurso de pontuação importante na construção da narração deste romance. Reconheça o porquê desse recurso em se tratando da narração.

Vi entrar o barão no meu quarto com terrível contractação de rosto. Sem me encarar, pediu-me uma a uma todas as minhas jóias: dei-lhas. Pediu-me todos os meus vestidos, todos, nomeando-os um a um pelas suas cores e estofos: dei-lhos; e perguntei se devia despir o que tinha vestido. ‘Veremos’, disse ele. E, depois de atirar com os vestidos a pontapés para o interior do seu quarto e guardar as jóias, acrescentou: ‘agora, vá quando quiser, que vai como veio. ‘Não vou como vim’, respondi eu. ‘Era pura quando entrei nesta casa, Sr. Barão.’ Replicou-me com um insulto sem nome e saiu. Esperei que anoitecesse, e, no entanto, pensei para onde iria. O coração impelia-me para Augusto; mas eu ignorava a residência dele. Lembrou-me de ir pedir agasalho a minha irmã, e de casa dela indagar a morada de Augusto. Lembrou-me de relance minha mãe; mas suposto me sorrissem as minhas irmãzinhas, fechei logo os olhos a esta horrorosa visão. Prevaleceu o único refúgio, que era minha irmã, muito menos desgraçada do que eu. Escureceu; saí do quarto e descí as escadas. Ia assim como estou agora. Não levava comigo cinco réis, nem valor algum além dum vestido de casa que tinha no corpo. A meio das escadas, saiu-me o barão duma sobreloja, travou-me pelo braço com mais amor que força e disse-me: ‘Onde vais, desgraçada?! Pensa bem no passo que vais dar. Contas com o caixeiro? Esse miserável é tão pobre como tu. Desde que saiu da minha casa, já me mandou pedir um empréstimo, que eu lhe dei como esmola. Nenhuma casa comercial o aceita sem as minhas informações;

e eu, a quem mas pede, respondo que ele aniquilou a minha felicidade e desgraçou para sempre duas famílias. Serve-te assim o homem? Cuidas que o caixeiro irá pedir esmola para te sustentar? Irá; mas quem é que lha dá? E quando ele, cansado de humilhações e desonras, friamente olhar para ti e te julgar a causa de sua desgraça, há-de aborrecer-te, odiar-te, e abandonar-te, e fugir de ti como quem foge do maior inimigo. Medita nisto, Marcolina. Perdoo-te o mal que me fizeste, esqueço tudo, peço-te mesmo perdão do que fiz hoje, alucinado pelo amor que te tenho. Ficas, Marcolina? 'Não fico', respondi, 'nem vou procurar Augusto. Para desgraça, basta a minha. Vou ter com minha irmã e de lá procurarei uma casa onde sirva.' Lançou-se-me aos pés o barão, abraçou-me pela cintura abafado pelos soluços; disse-me até, no seu desvario, que iríamos para a França, e lá casaria comigo. Causou-me riso e compaixão este desatino!... Cedi, deixei-me ir quase nos braços dele até ao meu quarto. Parecia louco de alegria o pobre homem! Trouxe-me as jóias, tirou do dedo um grande brilhante, que ele chamou anel de casamento, e quis à força que eu o pusesse entre outros, posto que podia abranger três dos meus dedos.

12. Reescreva, do trecho acima, uma passagem que exemplifique o estilo de relação que se estabeleceu entre a família de Marcolina (sua mãe) e o Barão.

Leia o poema de Oswald de Andrade, publicado em 1925, no Brasil:

Pronominais

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco

Da Nação Brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso camarada

Me dá um cigarro.

Oswald de Andrade ANDRADE, O. Obras completas, Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

O texto de Oswald de Andrade pondera sobre o uso dos pronomes no português brasileiro. Já o trecho do romance de Camilo Castelo Branco, exemplifica o uso dos pronomes oblíquos de modo particularmente incomum para nossa prática diária da língua portuguesa no Brasil.

13. Destaque duas passagens do excerto de *Coração, Cabeça e Estômago* em que há usado pronome oblíquo, exemplificando variante do português de Portugal.

14. Escreva um pequeno comentário sobre como a linguagem empregada no romance se relaciona com as características do seu estilo e do seu tempo.

15. Reescreva do trecho do romance duas outras palavras que sugiram ao leitor a época da narrativa.

16. Releia a passagem: “e quis à força que eu o pusesse entre outros, posto que podia abranger três dos meus dedos.” Considerando que o conectivo POSTO QUE possui valor semântico concessivo (embora), explique o sentido do trecho em destaque.

O meu amigo Faustino Xavier de Novais conheceu perfeitamente aquele nosso amigo Silvestre da Silva... — Ora, se conheci!... Como está ele? Está bem: está enterrado há seis meses. Morreu?! Não morreu, meu caro Novais. Um filósofo não deve aceitar no seu vocabulário a palavra morte, senão convencionalmente. Não há morte. O que há é metamorfose, transformação, mudança de feito. Pergunta tu ao doutíssimo poeta José Feliciano de Castilho o destino que tem a matéria. Dir-te-á a teu respeito o que disse de Ovídio, sujeito que não era mais material que tu e que o nosso amigo Silvestre da Silva. “Ovídio cadáver”, pergunta o sábio, “onde é que pára?” Tudo isso corre fados misteriosos, como Adão, como Noé, como Rômulo, 2 como nossos pais, como nós, como nossos filhos, rolando pelos oceanos, flutuando nos ares, manando nas fontes, correndo nos rios, agregado nas pedras, sumido nas minas, misturado nos solos, viçando nas ervas, rindo nas flores, recendendo nos frutos, cantando nos bosques, rugindo nas matas, rojando dos vulcões, etc.” Isto, a meu ver, é exato e, sobretudo, consolador. O nosso amigo Silvestre da Silva, a esta hora, anda repartido em partículas. Aqui faz parte da garganta dum rouxinol; além, é pétala duma tulipa; acolá, está consubstanciado num olho de alface; pode ser até que eu o esteja bebendo neste copo de água que tenho à minha beira e que tu o encontres nos sertões da América, alguma vez, transfigurado em cobra cascavel, disposto a comer-te, meu Faustino. O que te eu assevero é que ele deixou de ser Silvestre da Silva, há seis meses, posto que os parentes teimam em lhe ter uma lousa sobre o chão, onde o estiraram, com esta mentira: ‘Aqui jaz Silvestre da Silva.’

17. Nesse fragmento do romance, vemos que o personagem Silvestre morreu e deixou suas anotações para um amigo publicar. O amigo não é identificado. Considerando esse aspecto, identifique os narradores e o tipo de narrador presente na história. Explique como as vozes dos narradores se alternam ao longo da narrativa.

18. O livro está dividido em três partes: coração, cabeça e estômago, que correspondem às etapas da vida do personagem Silvestre da Silva e como elas se sucedem. Explique a relação de cada uma dessas etapas com seus respectivos nomes.

19. No preâmbulo, o narrador afirma que seu amigo Silvestre não está morto, apenas sofreu uma metamorfose. Transcreva um trecho que exemplifique a transformação a qual o narrador se refere:

20. Observe as conjunções sublinhadas no trecho citado (1) e em sua reescritura (2):

(1) O que te eu assevero é que ele deixou de ser Silvestre da silva, há seis meses, posto que os parentes teimam em lhe ter uma lousa sobre o chão, [...]

(2) O que te eu assevero é que ele deixou de ser Silvestre da silva, há seis por isso os parentes teimam em lhe ter uma lousa sobre o chão.

Apresente a diferença de sentido entre os dois enunciados, a partir do uso de cada conjunção. Explique, também, o efeito de sentido produzido pelo emprego da conjunção posto que, considerando a conduta do narrador em relação a morte do amigo.

A jovial dama erguia-se sempre escarlate até às orelhas e lançava-se a um tão voluptuariamente alquebrada, que seria muito para amar-se, se a hipótese consentisse que ela tivesse dentro do seio tanto coração como vinho de Setúbal. Vi-a dançar a jota com requebros de escandecente despejo; não era menos lúbrica no lundum chorado; e, não sei se de experiência, se de instinto, saracoteava-se tão peneirada nas evoluções do fado, que eu estava pasmado do que via. Convidava eu amigos a jantarem comigo aos domingos, prevenindo-os para gozarem as delícias gratuitas daquela dama, transfigurada em bacante, posto que as antigas bacantes não o eram sem a condição da virgindade, e neste ponto, de modo algum quero ultrajá-la com a comparação. Os meus amigos, já apodrentados de coração, encaravam na desenvolta Martinha com olhos cobiçosos, e, a seu pesar, confessavam que o amado era eu, e unicamente eu. Maus conselheiros excitaram-me a cismar nos encantos, que eles viam, e com pejo o digo descobri que a mulher tinha reduzido a pântano uma parte do meu coração para retouçar-se nele. Amei-a; e ela, sem lho eu dizer, conheceu-o logo. Expôs-me ardentemente as suas raivas e ciúmes, quando me via namorar as vizinhas; e confessou que tivera o satânico pensamento de envenenar Catarina, quando eu a amava, e era amado, tendo ela depositado no coração da desleal amiga o seu segredo. Os dias corriam plácidos e felizes para nós, quando D. Martinha tomou uma criada, que era mulata. Mas que anjo das estuosas zonas onde a pele está calcinada, como devem está-lo as fibras do coração! Que mulata!, que inferno de devorante lascívia ela tinha nos olhos! Que tentação, que doídice me tomou de assalto apenas a vi em roda do meu leito, fazendo a cama! O menor trejeito era uma provocação;

o frêmito das saias era um choque da pilha galvânica! Ó minha virtude pudibunda! Estavas estragada por D. Martinha! Amei a mulata, com todo o ardor do meu sangue e dos meus vinte anos! Pedi-lhe amor, como se pede a um Serafim de neve e rosas, a quem a gente ajoelha e ora de longe, com medo de os desmanchar com o bafo. Quando a exorava, parece que os nervos me retorciam os músculos; e os músculos se contraíam em espasmos de luciferina delícia! Lembra-me que me ajoelhei a seus pés um dia, beijando-lhe as mãos, que perfumavam o aroma de cebola do refogado. Melhor me lembra ainda que me ergui de seus pés vitorioso, e feliz como nunca um réu perdoado se ergueu dos pés de rainha do Congo!

21. Veja o fragmento retirado do trecho acima:

Os meus amigos, já apodrentados de coração, encaravam na desenvolta Martinha com olhos cobiçosos [...] (l. --)

As palavras sublinhadas correspondem a neologismos criados pelo narrador para se referir aos seus amigos. Explique o processo de formação dessas palavras e, em seguida, explique o efeito de sentido que elas produzem.

22. Observe o excerto em seguida:

Os dias corriam plácidos e felizes para nós, quando D. Martinha tomou uma criada queera mulata. (l. --)

Tradicionalmente, o diminutivo está associado à ideia de redução de tamanho. Entretanto, de acordo com o contexto, pode assumir outros sentidos. Explique o efeito de sentido produzido pelo uso do diminutivo no trecho destacado.

23. A construção de sentido se dá muitas vezes pela escolha de termos a fim de repassar a mensagem pretendida, como se observa no seguinte trecho:

Que mulata!, que inferno de devorante lascívia ela tinha nos olhos! (l. --)

Na fala do narrador acerca da mulata brasileira Topinoioio, a sexta mulher por quem Silvestre se apaixonou, destaca-se a forma como caracteriza o olhar da personagem. Explique de que maneira essa personagem é retratada, a partir da expressão sublinhada.

24.

Amei-a; e ela, sem lho eu dizer, conheceu-o logo. (l. --)

Considerando que a coesão por referência retoma termos, analise o papel de coesão dos pronomes e, em seguida, reescreva o trecho selecionado recuperando os termos retomados pelos pronomes sublinhados.

Assanhado pelos estorvos, que me embargavam o passo, escrevi contra a estupidez da geração nova, que não valia mais que a velha, e chamei os povos às armas. O ministério público deu querela por abuso de liberdade de imprensa contra o jornal, cujo redactor principal era eu. O jornal foi condenado e os assinantes não pagaram no fim do segundo trimestre. Empenhei a minha casa para sustentar a gazeta, que três vezes foi condenada na multa e custas. A final, quando me vi exaurido de recursos e cansado de lutar com a indiferença pública, achei em mim terrível analogia de destino com todos os redentores intempestivos da humanidade, e bebi o meu cálice até às fezes, as quais fezes eram pagar à fábrica de papel as últimas cinquenta resmas, que eu fizera gratuitamente distribuir por esta raça de ingratos portugueses que, de três em três meses, mandavam vender o jornal às tendas. Compenetrei-me da estolidez das minhas aspirações a desencharcar da lama um povo aviltado e cego de sua estupidez. Foi uma terrível decepção esta que me deu à cabeça os tratos que as mulheres de Lisboa me tinham infligido ao coração. Vi que o homem grande, neste país, no mesmo ponto em que hasteia o estandarte da redenção, aí, de força, há-de amargar as torturas do seu Gólgota. Achei-me extemporâneo neste século e cobri com as mãos o rosto envergonhado, como os mártires da liberdade romana, que velavam com a túnica o rosto e diziam aos pretorianos: “Matai, escravos!” Após alguns meses de devorantes cogitações sobre o futuro desta terra, fui à minha aldeia vender uma tapada, e o milho de três colheitas, e tornei para o Porto, elaborando projectos que já não tinham que ver com o bem da sociedade. O egoísmo da cabeça, mil vezes mais odioso que o do coração, esporeava-me a falsificar os mais sagrados sentimentos, mascarando-os de modo que a sociedade me desse a desforra das agonias com que remunerara a minha dedicação e o custeamento do jornal, um ano e tantos meses. O meu pensamento era casar-me rico e fechar os olhos temporariamente ao horizonte onde o desejo via uma pasta de ministro e onde a realidade me mostrava aquela terrível coisíssima nenhuma do Sr. Júlio Gomes da Silva Sanches, admirável em seus dizeres.

25. No fragmento observa-se que o narrador faz uma crítica à sociedade. Explícite essa crítica e, em seguida, retire do fragmento uma expressão que a sintetize.

O egoísmo da cabeça, mil vezes mais odioso que o do coração, esporeava-me a falsificaros mais sagrados sentimentos

26. Com relação ao trecho anterior, comente o tipo de sujeito presente. Em seguida, classifique a função desempenhada pela parte do fragmento em destaque.

Trecho para questão 27 e 28.

O sargento-mor, que também era cavaleiro de Cristo, desde 1812, pensava desde muito casar Tomásia com cavaleiro da mesma ordem. Conhecia-me ele de nome e formava de mim opinião desvantajosa: não assim a moça que me tinha visto anos antes, numa festa de Endoenças, e gostara de me ver com a opa verde de irmão das almas, funcionando nas cerimónias da igreja. A casa do sargento-mor rendia quinhentas medidas de centeio, meia pipa de azeite e vinte carros de castanha; sustentava três juntas de bois e quatro irmãos padres. O leitor ignora, talvez, a jerarquia dum sargento-mor. Pensa que é uma patente destas que encham a cobiça do coração de uma costureira ou criada de sala, a quem o sargento oferece sua alma e oito vinténs diários de pré? O sargento-mor das antigas milícias era um potentado, imediato na jerarquia ao capitão-mor, com quem por igual se repartiam os lombos e os respeitos sociais. O baque da monarquia absoluta, esmagando com os privilégios o acatamento que os privilegiados incutiam, respeitou o sargento-mor de Soutelo. Os povos reverenciavam-no no teor antigo e testemunhavam seu acatamento presenteando-o com os lombos dos cevados, tal e qual como nas ominosas eras em que o sargento e o capitão-mores representavam, no aparelho gástrico do absolutismo, um dos intestinos mais importantes o recto, se quiserem. Tomásia era uma rapariga desempenada e com olhares derretidos. De entendimento era escura, como quem não sabia ler, nem tivera, alguma hora, desgosto de sua ignorância. Tinha vinte e seis anos e nunca estivera doente. Nunca tomara chá nem café. Almoçava caldo de ovos com talhadas de chouriço. O Sol, ao nascer, nunca a surpreendeu em jejum. Trabalhava de portas adentro com as criadas: fazia as barreiras, fabricava o pão, administrava a salgadeira e vendia os cereais e as castanhas. Regularmente calçava soquinhas debruadas de escarlata e sarapintadas de verde. As meias eram de lã ou algodão azuis; mas não usava ligas, de jeito que as meias caiam em refegos à roda do tornozelo o que não era feio. Nas romarias, calçava sapato de fitas e trazia chapéu desabado com plumas brancas. Os pulsos eram duma cana só, como lá dizem para exprimirem a força. Cada palma de mão parecia uma lixa; e elogiar-lhe o cuidado das unhas seria adulação indigna da minha sinceridade. Dentes nunca os vi ricos de esmalte. Limpava-os com erva do monte, que lá chamam mentrasto; e as pomadas das suas opulentas tranças louras eram a água cristalina do tanque em que ela mergulhava a cabeça todas as manhãs. Sentava-se depois à sombra dum castanheiro, nos dias festivos, a pentear-se, e era belo vê-la então coberta de seus cabelos até à cintura, que moura mais linda a não sonharam poetas, em orvalhadas de S. João, alisando as madeixas com pente de ouro. Assim foi que eu a vi quando cheguei à janela do quarto em que pernovernara na casa do sargento-mor, descendo eu duma feira onde fora vender um macho e comprar bezerros para criação.

27. Na frase “o sargento e o capitão-mores representavam, no aparelho gástrico do absolutismo, um dos intestinos mais importantes o recto, se quiserem.”, considere a analogia realizada pelo autor em relação à monarquia e explique o ponto de vista do narrador em relação às patentes de sargento e capitão-mor.

28. Uma história pode ser narrada de pontos de vistas distintos, dependendo do tipo de narrador. Diante disso, ao ler as primeiras cinco linhas do texto e, considerando os tipos de narradores existentes, faça o que se pede:

A) Classifique o narrador a partir dessa sequência narrativa.

B) Observe o trecho “o sargento-mor, **que também era cavaleiro de cristo**, desde 1812, pensava [...]” (l. --). Comente a função exercida pela construção em destaque.

29.

Amar uma menina herdeira; contratada para casar; galante; lida nos bons catecismos espirituais; criada com passarinhos e flores; rodeada dos mágicos rumores das florestas: tudo isto me pareceu talhado à minha ansiedade de lutar, de sofrer, de viver com glória, ou morrer com honra. Quando cismava nisto, e me assaltava ao mesmo tempo a cobiça de entrar num restaurante à la carte, e pedir um pastel de pombos, corria-me de vergonha da minha viloa natureza!

“Quando cismava nisto, e me assaltava ao mesmo tempo a cobiça de entrar num restaurante à la carte, e pedir um pastel de pombos, corria-me de vergonha da minha viloa natureza!”

Percebe-se, no fragmento anterior, a utilização da conjunção e, ligando duas orações coordenadas. No entanto, a conjunção não tem a função sintática mais frequentemente atribuída. Explique o porquê do uso da conjunção “e” ser incomum no fragmento.

30.

Quando cismava nisto, e me assaltava ao mesmo tempo a cobiça de entrar num restaurante à la carte, e pedir um pastel de pombos, corria-me de vergonha da minha viloa natureza!

As conjunções apresentam valores semânticos. Transcreva o mesmo fragmento, substituindo a conjunção em destaque por outra que possua valor adversativo.

A este tempo assomou numa janela o pai da menina, perguntando o que vinha a ser o cesto e o pássaro que estava sobre a porta. D. Paula, dominando rapidamente o

sobressalto da surpresa, disse que fora a prima Piedade que lhe mandara aquele periquito e o cestinho das flores. O pai, que era amigo de periquitos, desceu ao jardim; e, no entanto, a filha escondeu a carta, que ia presa à grinalda com um laço de fita encarnada. O velho, examinada a ave, passou a espreitar o cabaz; e, como visse os convidativos pêssegos, que eram seis, comeu três com sôfrega delícia, deu um à filha, e guardou dois nas algibeiras do robe de chambre. Paula, para ler a carta, escondeu-se num caramanchel. A prosa vil seria descabida em cena tão eminentemente poética. Era, pois, em verso a minha carta, que, segundo os ditames da poética de Aristóteles e Longino, devo chamar epístola e não carta. A qual epístola foi ainda o sonoro Castilho que me induziu a escrevê-la com os seguintes ditames da citada Primavera: [...]

31. No fragmento “O velho, examinada a ave, passou a espreitar o cabaz; e, como visse os convidativos pêssegos, que eram seis, comeu três com sôfrega delícia, deu um à filha, e guardou dois nas algibeiras do robe de chambre”, ao referir-se a um dos presentes dados a D. Paula, o narrador utiliza uma personificação. Identifique-a, transcreva o termo em que ela ocorre e comente o efeito de sentido dessa figura de linguagem.

32. O velho, examinada a ave, passou a espreitar o cabaz; e, como visse os convidativos pêssegos, que eram seis, comeu três com sôfrega delícia, deu um à filha, e guardou dois nas algibeiras do robe de chambre.

Como visto na questão anterior, o narrador utiliza de uma personificação. Explique a função narrativa do uso da personificação nesse fragmento.

É certo que dormi sobressaltado e acordei a pensar nela. É engraçada coisa o modo como eu me queria a mim mesmo explicar a renascença do antigo amor, para me não envergonhar da razão, que me arguia de homem sem brios. Dizia eu, entre mim, que era honorífico vingar-me da afronta e que a vingança devia ser simulada com aparências de amor. Planeava levá-la ao escândalo, exibi-la à irrisão pública e lançar pregão do meu despique; quando porém ideava estas sordícias, indignas do meu género brando, imaginava ao mesmo tempo que, chegado o lance da vingança, a comprimiria ao seio e me faria sacerdote da vítima.

Nestes e noutros pensamentos me ocorreu o dia seguinte, e outro, até chegar a noite em que D. Paula tinha camarote. Namorei-a sem recato, sem biocos, sem velhacaria. Odiei os rapazes que vinham segredar-me os sabidos escândalos; cheguei a defendê-la por negação, e a benquistar a gargalhada dos tafuis, que a não contemplavam com menos arrebatamento que eu.

Ora, devo confessar que Paula encarava em mim com sorrir tão desacostumado, e uns trejeitos tão esquisitos, que só a minha boa-fé, irmã gémea da inépcia, era capaz de aceitá-los como benignos e amoráveis. Além de que, reparei algumas

vezes que ela falava ao ouvido da prima Piedade, e riam ambas à socapa, sem olhar para mim, senão três minutos depois de espirrarem a risota. Agora é que eu penso circunspectamente na passagem.

33. Na frase [...] que só a minha boa-fé, irmã gémea da inépcia, chambre. [...] o narrador do texto faz uma metáfora à sua “boa-fé” como “irmã gêmea da inépcia”, o que gera valor conotativo ao seu entendimento de “boa-fé”. Explique o uso da referida metáfora e o sentido a ela atribuído.

O nosso amigo Silvestre da Silva, a esta hora, anda repartido em partículas. Aqui faz parte da garganta dum rouxinol; além, é pétala duma tulipa; acolá, está consubstanciado num olho de alface; pode ser até que eu o esteja bebendo neste copo de água que tenho à minha beira e que tu o encontres nos sertões da América, alguma vez, transfigurado em cobra cascavel, disposto a comer-te, meu Faustino. O que te eu assevero é que ele deixou de ser Silvestre da silva, há seis meses, posto que os parentes teimam em lhe ter uma lousa sobre o chão, onde o estiraram, com esta mentira: ‘Aqui jaz Silvestre da Silva.’ Pois é verdade. O nosso amigo começou a queixar-se, há de haver um ano, de falta de apetite, e frialdade de estômago, efeito das indigestões. Foi de mal a pior. Desconfiou que passava a outra metamorfose, e deu ordem aos seus negócios da alma com a eternidade. Dos bens terrenos não fez deixação, porque lá estavam os credores, seus presuntivos herdeiros, ainda que alguns deles declinaram a herança a benefício de inventário, lamentando que em Portugal não fosse lei a prisão por dívidas: parece que os irritou a certeza de que o cadáver insolvente não podia ser preso. Em outro ponto te darei mais detida notícia desta catástrofe. Eu fui o herdeiro dos seus papéis. Alguns credores quiseram disputarmos, cuidando que eram papéis de crédito. Fiz-lhes entender que eram pedaços dum romance; e eles, renunciando a posse, disseram que tais pataratices deviam chamar-se papelada, e não papéis. Aceitei a distinção como necessária e retirei com a papelada, resolvido a dá-la à estampa, e com o produto dela ir resgatando a palavra do nosso defunto amigo, embolsando os credores os credores. Fiz um cálculo aproximado, que me anima a asseverar aos credores de Silvestre da Silva que hão de ser plenamente pagos, feita a 10.^a edição deste romance. Aqui tens tu uma ação que deve ser extremamente agradável às moléculas circunfusas do nosso amigo. Espero que Silvestre ainda venha a agradecer-me o culto que assim dou à memória dele, convertido em aroma de flor, em linha de cristalina fonte, ou em Ambrósia de vinho do Porto, metamorfose mais que muito honrosa, mas pouco admirativa nele, que foi deste mundo já saturado em bom vinho. É opinião minha que o nosso amigo, a esta hora, é uma folhuda parreira.

Eu fui o herdeiro dos seus papéis. Alguns credores quiseram disputarmos, cuidando que eram papéis de crédito. Fiz-lhes entender que eram pedaços dum romance; e

eles, renunciando a posse, disseram que tais pataratices deviam chamar-se papelada, e não papéis. [...]

34. No trecho, os nomes “papelada” e “papéis”, apesar de em sentido literal compartilharem do mesmo campo semântico, no texto, representam coisas distintas. Comente o motivo do emprego dos dois vocábulos e seus sentidos na passagem, respectivamente:

35. Eu fui o herdeiro dos seus papéis. Alguns credores quiseram disputarmos, cuidando que eram papéis de crédito. Fiz-lhes entender que eram pedaços dum romance; e eles, renunciando a posse, disseram que tais pataratices deviam chamar-se papelada, e não papéis. [...]

O que o texto propõe ao dizer que o corpo de Silvestre da Silva está estirado por ordem de seus parentes “com esta mentira: ‘Aqui jaz Silvestre da Silva.’” Qual mentira é contada na opinião do autor e qual sua visão sobre a morte? Exemplifique sua resposta com fragmentos da própria obra.

36. E o certo é que o ourives pensava em casar com Leontina, logo que as filhasse arrumassem. Estas, porém, sobre serem feias, tinham contra si a repugnância do pai no dotá-las em vida. Ninguém as queria para passatempo e menos ainda para esposas. Picado pelo ciúme, abriu o ourives seu peito à órfã, ofereceu-lhe a mão, e uma pulseira de brilhantes nela, com a condição de me esquecer. Leontina disse que sim, cuidando que mentia; mas passados oito dias admirou-se de ter dito a verdade.”

No fragmento “Leontina disse que sim, cuidando que mentia; mas passados oito dias admirou-se de ter dito a verdade” ocorrem mudanças de opinião da personagem. Explique de que maneira ocorrem essas mudanças e os vocábulos responsáveis por marcar para o leitor tais mudanças de sentido.

37. Na frase “É opinião minha que o nosso amigo, a esta hora, é uma folhuda parreira” analise separadamente os aspectos gramaticais dos três elementos em destaque e comentando sua função.

38. Há, no fragmento “L e o n t i n a d i s s e q u e s i m , c u i d a n d o q u e m e n t i a ; m a s p a s s a d o s o i t o d i a s a d m i r o u - s e d e t e r d i t o a v e r d a d e ” uma frase exprimindo um sentido hiperbólico, identifique-a.

Ninguém me há de acreditar a história da quarta mulher. Quer creiam, quer não, ela aí vai com pouca arte, a ver se a sua mesma desnudez a faz menos incrível. Fui um

dia de agosto a Porto Brandão, onde estava a banhos um meu amigo. Numa quinta para lá da encosta houve uma reunião de famílias de Lisboa, à qual fui convidado. O meu amigo apresentou-me a um cavalheiro, que me tomou o braço e me apresentou a algumas senhoras, todas galantes, palreiras e doutoras em Paulo de Kock. Pedi miúdos esclarecimentos acerca de todas, e particularmente da mais bonita e modesta. O cavalheiro de todas disse mal, mal, porém, que eu indultei cordialmente, defeitos que são enfeites, vícios que alindam as formosas e denigrem as feias. O crime de todas era a casquilhice, que o leitor pode, se quiser, traduzir para coquetterie. Amavam toda a gente, segundo o informador. Fiquei satisfeito, cuidando que o amarem elas toda a gente era boa probabilidade para eu ser amado. Eu não queria mais nada. Languiram em doce ternura meus olhos, fitos na mais amável das quatro. Algumas vezes nossas vistas se encontraram, e disseram profundos mistérios da alma. Fugi outras vezes da sala e fui a uma varanda, donde se ouvia o bramido do oceano, casar as melodias do meu amor com as dissonâncias formidolosas do estrugir das ondas. A lua prateava-me a testa, em que o sangue, aquecido no coração, subia em arquejos daquela poesia, que não sai em rimas, e enlouquece, se a paixão a não desafoga em suspiros. Aquilo é que era! Eu queria comunicar a exuberância da minha ventura, mas tive sempre para mim que a felicidade quere se recatada para não suscitar invejas: é ela como a fina essência das flores destiladas, que perde o aroma, destapado o cristal que a encerra. Não contei nada ao meu amigo; simulei até desapego das mulheres mais belas do baile, e da preferida nem se quer falei.

39. Na frase “doutoras em Paulo de Kock.” vemos a menção de Paulo de Kock, importante romancista do séc. XIX, conhecido por escrever romances populares e lidos principalmente por mulheres, desagradando boa parte da crítica especializada que considerava sua literatura imoral e muito comercial, comente sobre o que Camilo Castelo Branco quis dizer com a expressão utilizada para caracterizar as mulheres mencionadas.

40

“Amavam toda a gente, segundo o informador. Fiquei satisfeito, cuidando que o amarem elas toda a gente era boa probabilidade para eu ser amado. Eu não queria mais nada.”

No trecho, há uma tentativa de dizer algo de forma não explícita, o que está sendo dito e de que modo? Comente acerca da presença de uma figura de linguagem na criação desse sentido?

41. Languiram em doce ternura meus olhos, fitos na mais amável das quatro. Algumas vezes nossas vistas se encontraram, e disseram profundos mistérios da alma.

A ação verbal “disseram” refere-se a algo dentro dos períodos acima, indentifique este referente. Logo após, discuta a presença da personificação e sua ação no contexto.

42. [...] é ela como a fina essência das flores destiladas, que perde o aroma, destapado o cristal que a encerra.

O trecho citado é utilizado para retomar algo e possui caracter explicativo. Comente sobre essa afirmação. Identifique o pronome que é utilizado nesse trecho evidenciando essa retomada.

43.[...] é ela como a fina essência das flores destiladas, que perde o aroma,destapado o cristal que a encerra. (l. --)

Reescreva o período, movimentando ou não o verbo de ligação, substituindo o termo em destaque de modo que preserve o sentido original da oração.

Eu tinha um amigo que se namorara duma modista francesa e me pedia que fosse intérprete do seu coração, na língua de Vítor Hugo. Não me pareceu custoso fingir a língua de Vítor Hugo, sendo a semelhança julgada pela modista. Parece-me que Vítor Hugo não entenderia as minhas cartas escritas no seu idioma; quero, porém, acreditar que a francesa não acharia mais poesia nem mais correção raciniana no poeta das Orientais.

As minhas cartas pertenciam ao sistema que os mestres em epistolografia amorosa determinaram para as modistas. Era o sistema da precipitação dos sucessos e da catástrofe. À oitava carta, convencionou-se o encontro do meu amigo com a francesa numa quinta em Carnide, indo ela acompanhada de uma sua amiga na carruagem, que devia esperá-las à porta oriental do Passeio Público.

– Como há de ser isto?! - disse eu ao meu amigo -; como te hás de tu entender com

ela? Cibrão ficou um pouco enleado e respondeu:

– É verdade!... como hei de eu entendê-la!... Há quinze dias que comprei um dicionário portuguêsfrancês e uma guia de conversação; mas pouco ou nada sei...

– Como há de ser isto? Eu acho ridícula a tua posição se , às primeiras palavras da francesa, tens de lhe dizer, numa língua que ela não entende, que não percebes a língua que ela te fala. Vocês afinal acabam por se rirem francamente um do outro, e

com o ridículo matam o amor.

– Vais tu comigo? - acudiu Cibrão, de golpe.

– Vou; mas, ainda assim, o que faço é aumentar com a minha ida os personagens da farsa. Como queres tu que a francesa me faça a língua do seu coração, se eu suponho que a sua vontade é dizer-te coisas que envergonham dois amantes na presença de terceira pessoa? E calculas tu quanto seria cômico estar eu entre ti e ela compondo para francês e traduzindo para português a linguagem intraduzível dos suspiros? Afinal rir-nos-íamos todos três.

44. “As minhas cartas pertenciam ao sistema que os mestres em epistolografia amorosa determinaram para as modistas.” Destaque e explique a função sintática dos seguintes elementos na estrutura da frase: “ao” e “que”.

45. Identifique e analise os tempos verbais utilizados no seguinte trecho: “Como **queres** tu que a francesa me **faça** a língua do seu coração, se eu **suponho** que a sua vontade é dizer-te coisas que envergonham dois amantes na presença de terceira pessoa?”

Passados tempos, Leontina desapareceu com a família; e, ao outro dia, recebi dela um bilhete, escrito em Almada. Dizia-me que o algibebe escrevera ao seu padrinho uma carta anônima, denunciando o namoro comigo. O padrinho ordenou logo a saída para a quinta de Almada. O padrinho era o ourives, sujeito de cinqüenta anos, viúvo, com duas filhas mulheres, das quais amargamente Leontina se queixava. As filhas do ourives, receando que o pai se casasse com a órfã, queriam-lhe mal, e folgavam de a ver nas presas de alguma paixão, que a arrastasse ao crime, para assim se livrarem da temerosa perspectiva de tal madrasta. E o certo é que o ourives pensava em casar com Leontina, logo que as filhas se arrumassem. Estas, porém, sobre serem feias, tinham contra si a repugnância do pai no dotá-las em vida. Ninguém as queria para passatempo e menos ainda para esposas. Picado pelo ciúme, abriu o ourives seu peito à órfã, ofereceu-lhe a mão, e uma pulseira de brilhantes nela, com a condição de me esquecer. Leontina disse que sim, cuidando que mentia; mas passados oito dias admirou-se de ter dito a verdade. Nunca mais soube de mim, nem eu dela; até que, um ano depois, a criada, que a servia, me contou que a menina casara com o padrinho e que as enteadas, coagidas pelo pai, se tinham ido para o recolhimento do Grilo com uma pequena mesada e a esperança de ficarem pobres. Não sei mais nada a respeito da primeira das sete mulheres que amei, em Lisboa.

46. Com base no trecho fornecido, discuta como o ciúme e as relações familiares desempenham um papel fundamental na evolução da narrativa. Analise as motivações das filhas do ourives em relação à Leontina e como essas motivações afetam o desenvolvimento dos acontecimentos. Além disso, explique como a oferta do ourives de casamento e uma pulseira de brilhantes a Leontina reflete seu estado emocional e como essa oferta pode ser interpretada à luz dos conflitos presentes na história. Como esses elementos contribuem para a complexidade do enredo e dos personagens na narrativa?

47. Na frase “Ninguém as queria para passatempo e menos ainda para esposas [...]”, identifique e explique o uso dos pronomes "as" e "para" no contexto da frase. Qual é a função gramatical desses pronomes na sentença e como eles contribuem para a clareza e o significado da frase? Além disso, discuta se há alguma ambiguidade ou ambivalência no uso desses pronomes na frase e como isso pode afetar a interpretação do leitor.

48. Leia:

O padrinho ordenou logo a saída para a quinta de Almada

Identifique e explique o uso do artigo definido "a" antes da palavra "saída" e da preposição "para" na frase. Qual é a função gramatical do artigo e da preposição nesse contexto? Como esses elementos contribuem para a estrutura da frase e a transmissão de significado? Além disso, analise se a ordem das palavras na frase poderia ser alterada sem afetar o sentido da sentença.

Decorreram três meses, durante os quais fui à província vender uma parte da minha legítima paterna. Cuidava minha extremosa mãe que eu, dois anos ausente dela, ia enfim adoçar-lhe os últimos anos e resgatar os empenhos a que sacrificara os bens. Não a desenganei logo por compaixão; mas o aspecto melancólico da minha aldeia, o silêncio, a quietação penosa do lar doméstico e a sensaboria das práticas monótonas de quatro clérigos das partidas da minha mãe tornaram-me as saudades de Lisboa em profundo tédio da minha terra. Liquidada a venda de algumas propriedades, que minha boa mãe, com engenhosa compaixão de meus desatinos, fez comprar por terceira pessoa, voltei a Lisboa. Como disse, tinham passado três meses sobre o meu coração. Aquela eterna brasa que eu, por amor da retórica, há pouco disse que trouxera do Inferno nos seios da alma, estava quase apagada, como todas as brasas que a gente inflama com assopros de estilo. Pelo modo como o homem e o amor estão feitos neste tempo, três meses de ausência correspondem àqueles dilatados anos dos amores da Idade Média, que traziam da Palestina à castelã saudosa o coração leal do seu cavaleiro. Peitos de ferro deviam albergar corações de férrea tenacidade.

Agora, é mais íntimo e doravante o amor, mais combustível o coração; a chama, batida por variados ventos, atea-se mais enfurecida e o elemento dos afectos volatiliza-se rapidamente. A mais aumenta a versatilidade humana, quando o amor-próprio sai anavalhado destas lutas, em que é grande parte o orgulho. Assim se explica o quase esquecimento de Paula quando voltei a Lisboa; e, se de todo não a esquecera, fora a curiosidade de saber a conta em que o mundo a tinha que me levava a indagar os pormenores da sua vida.

49. Identifique o verbo de transitividade direta no seguinte trecho: "Aquela eterna brasa que eu, por amor da retórica, há pouco disse que trouxera do Inferno nos seios da alma."

50. Identifique o verbo de transitividade indireta no seguinte trecho: "Aquela eterna brasa que eu, por amor da retórica, há pouco disse que trouxera do Inferno nos seios da alma, estava quase apagada, como todas as brasas que a gente inflama com assopros de estilo."

"Como disse, tinham passado três meses sobre o meu coração. Aquela eterna brasa que eu, por amor da retórica, há pouco disse que trouxera do Inferno nos seios da alma, estava quase apagada, como todas as brasas que a gente inflama com assopros de estilo. Pelo modo como o homem e o amor estão feitos neste tempo, três meses de ausência correspondem àqueles dilatados anos dos amores da Idade Média, que traziam da Palestina à castelã saudosa o coração leal do seu cavaleiro.

Peitos de ferro deviam albergar corações de férrea tenacidade. Agora, é mais íntimo e doravante o amor, mais combustível o coração; a chama, batida por variados ventos, atea-se mais enfurecida e o elemento dos afectos volatiliza-se rapidamente. A mais aumenta a versatilidade humana, quando o amor-próprio sai anavalhado destas lutas, em que é grande parte o orgulho. Assim se explica o quase esquecimento de Paula quando voltei a Lisboa; e, se de todo não a esquecera, fora a curiosidade de saber a conta em que o mundo a tinha que me levava a indagar os pormenores da sua vida."

51. Com base no trecho fornecido, analise a evolução do sentimento amoroso do narrador ao longo do tempo e como isso reflete as mudanças nas relações amorosas na sociedade. Explique como o narrador compara o amor da época atual com os amores da Idade Média, destacando as diferenças na intensidade e na durabilidade dos sentimentos. Além disso, discuta como o narrador aborda a influência do orgulho e do amor-próprio nas relações amorosas e como esses fatores afetam a capacidade de manter o amor vivo ao longo do tempo. Como esses temas contribuem para a compreensão da complexidade das relações amorosas na narrativa?

52. No trecho "Aquela eterna brasa que eu, por amor da retórica, há pouco disse que trouxera do Inferno nos seios da alma, estava quase apagada, como todas as brasas que a gente inflama com assopros de estilo," o narrador faz uma reflexão sobre seu estado emocional e seu uso da retórica. Analise essa passagem, explicando como o narrador descreve a chama do sentimento que ele mencionou anteriormente. Qual é o papel da retórica na narrativa e como ela é associada à chama do sentimento amoroso? Além disso, discuta o significado da metáfora das "brasas que a gente inflama com assopros de estilo" e como ela contribui para a compreensão do uso da linguagem e da retórica pelo narrador.

53. No trecho "Agora, é mais íntimo e doravante o amor, mais combustível o coração;," identifique e explique o uso das vírgulas na frase. Qual é a função gramatical das vírgulas nesse contexto? Como elas contribuem para a estrutura da frase e a transmissão de significado? Além disso, discuta como o autor utiliza a comparação entre o amor e o coração como metáforas e como isso influencia o tom e o significado da sentença.

54.

"Melhor avisados andam os moralistas religiosos, subordinando a humanidade aos ditames de uma mesma fé; todavia - e sem menoscabo dos preceitos evangélicos que altamente venero -, parece-me que o homem, sincero crente, e devotado cristão, no meio destes mouros, que vivem à luz do século, e meneiam os negócios temporais a seu sabor, tal homem, se pedir a seu bom juízo religioso a norma dos deveres a respeitar, e dos direitos a reclamar, ganha créditos de parvo, e morre sequestrado dos prazeres da vida, se quiser poupar-se ao desgosto de ser apupado, procurando-os."

Com base no texto fornecido, analise a posição do autor em relação à religião e à moralidade na sociedade. Como o autor sugere que os moralistas religiosos subordinam a humanidade a uma mesma fé? Discuta como o autor expressa uma visão crítica em relação à conformidade religiosa e à influência da religião nas decisões pessoais. Além disso, explique como o autor descreve o desafio que um homem sincero crente e devotado cristão enfrentaria em uma sociedade secular e como ele descreve as consequências de seguir estritamente as normas religiosas nesse contexto.

55. No trecho "parece-me que o homem, sincero crente, e devotado cristão, no meio destes mouros, que vivem à luz do século, e meneiam os negócios temporais a seu sabor, tal homem, se pedir a seu bom juízo religioso a norma dos deveres a respeitar, e dos direitos a reclamar, ganha créditos de parvo," o autor descreve a situação de um homem religioso em meio a uma sociedade secular. Analise como o autor caracteriza esse homem religioso e explique por que ele afirma que tal homem "ganha créditos de

parvo" ao pedir orientação religiosa sobre deveres e direitos. Como essa passagem ilustra a tensão entre valores religiosos e valores seculares na sociedade representada pelo autor? Como isso contribui para a compreensão da perspectiva crítica do autor em relação à religião e à sociedade?

56. No trecho "Melhor avisados andam os moralistas religiosos, subordinando a humanidade aos ditames de uma mesma fé;", destaque o uso da vírgula após "fé". Explique a função dessa vírgula na frase e como ela contribui para a estrutura e a clareza da sentença. Além disso, discuta como o autor utiliza a palavra "subordinando" e sua relação com o restante da frase. Como essa construção gramatical reforça a ideia de que os moralistas religiosos estão conduzindo a humanidade de acordo com os ditames da mesma fé? Como esses elementos gramaticais contribuem para a compreensão do ponto de vista crítico do autor sobre a influência da religião na sociedade?

57. No trecho "e morre sequestrado dos prazeres da vida, se quiser poupar-se ao desgosto de ser apupado, procurando-os.", identifique e explique o uso das vírgulas na frase. Qual é a função gramatical das vírgulas nesse contexto? Como elas contribuem para a estrutura da frase e a transmissão de significado? Além disso, discuta o significado da expressão "sequestrado dos prazeres da vida" e como ela se relaciona com a ideia de evitar o "desgosto de ser apupado". Como esse uso de linguagem contribui para a compreensão do dilema enfrentado pelo autor em relação aos prazeres da vida e à possível crítica social? Como esses elementos gramaticais e semânticos contribuem para a interpretação do trecho?

58

“A segunda era também minha vizinha. A casa em que eu vivia formava o cunhal dum quarteirão, com janelas para duas ruas. Assim podia passear os dois corações duma para outra janela sem dar suspeitas da minha doblez. Nunca pude saber o nome da dama, nem lhe vi a preceito a cara. Entreluziam-lhe os olhos nas tabuinhas verdes das persianas, olhos que abonavam o restante das belezas. Vi-a uma ou outra vez na rua; mas o meu pudor era o mais vigilante anjo-da-guarda que ele tinha. Escrevi-lhe uma carta em vinte páginas e icei-lhe numa cartonagem de amêndoas, que ela, à meia-noite, pendurou da janela. No dia seguinte não a vi. Afligi-me até à desesperação, tomando como zombaria semelhante resposta à minha carta. Desafoguei na sincera amizade de um amigo, e este consolou-me, dizendo que a mulher podia estar doente, podia estar apaixonada; e, na segunda hipótese, fugia à paixão para respeitar os deveres, se os tinha.

Ao outro dia abriu-se a janela, e a persiana baixou logo, como era de uso. As tabuinhas obedeceram ao impulso da mão divina, ficando horizontais. Vi-lhe os olhos, vi-lhe o

sorriso, vi-lhe um trejeito de gratidão, e compreendi que me mandava ir à meia-noite debaixo da janela.”

O narrador descreve sua tentativa de se comunicar com a vizinha através de uma carta e de um gesto simbólico (a cartonagem de amêndoas). Analise o simbolismo dessas ações e como elas refletem os sentimentos do narrador em relação à vizinha. Como esses gestos podem ser interpretados no contexto da história?

59. Discuta a importância do elemento da expectativa e da surpresa no trecho. Como a reação da vizinha, ao abrir a janela e demonstrar gratidão, afeta o narrador e a progressão da narrativa? Como essa reviravolta influencia o desenvolvimento do enredo e dos personagens?

60. Analise como o narrador utiliza a casa em que vive e sua proximidade com a vizinha para criar uma atmosfera de mistério e suspense na narrativa. Como a descrição da casa e das janelas contribui para a construção desse clima ao longo do trecho?

61. No trecho "Nunca pude saber o nome da dama, nem lhe vi a preceito a cara," identifique e explique a função sintática dos pronomes "lhe" e "a" presentes na frase. Como esses pronomes contribuem para a construção da estrutura da frase e qual é o seu papel na relação entre os elementos da oração?

62. Analise a estrutura e a função dos pronomes oblíquos átonos "lhe" utilizados no trecho "Vi-lhe os olhos, vi-lhe o sorriso, vi-lhe um trejeito de gratidão, e compreendi que me mandava ir à meia-noite debaixo da janela." Como esses pronomes se relacionam com os verbos e os objetos diretos da frase? Explique como o uso desses pronomes contribui para a fluidez da narrativa e a compreensão das ações do narrador.

“Naquele tempo, os meus pensamentos eram todos dirigidos por cálculos e raciocínios. O meu alvo mais remoto era ser ministro da coroa. Estavam as minhas faculdades regidas pela cabeça. As cabeças de alguns ministros, quando não tivessem outro préstimo, nem provassem outra coisa, muito puderam, convencendo-me da minha aptidão para os cargos superiores da república. Eu conhecia na intimidade uns homens de inteligência espalmada e cabeça escura como o cano de uma bota; homens sem ciência nem consciência; rebotalhos da humanidade, arremessados à margem pela torrente caudal das transformações sociais; espíritos tolhidos de gota, sem saudades, sem crenças, nem aspirações; entulhos de má morte, que atravancavam todo o progresso e escarneciam com gosmento sorriso as expansões atrevidas da geração nova que a cada passo queria arvorar um marco de adiantamento. Conheci estes homens, e conheci os ministros da coroa, sopesando debaixo dos pés chumbados à

terra, que ameaçava engoli- los, a explosão das ideias e o peito da mocidade que se afrontava com o possante atleta da rotina.

Comecei a publicar uma série de artigos contra os velhos, e disse mesmo que era necessário matá-los, como na Índia os filhos faziam aos pais inválidos para o trabalho. Estes artigos criaram os meus créditos de estadista, e muitas simpatias. Escrevi o panegírico da geração nova, se bem que a geração nova não tinha feito coisa nenhuma. Disse que a mocidade estava a rebentar de cometimentos grandiosos em serviço dos interesses materiais do País. Todos os meus artigos falavam em cometimentos grandiosos e interesses materiais do País.

Naquele tempo fui convidado a alistar-me na maçonaria, e, depois de prestar os juramentos terríveis sobre uma bainha de espada, único objeto do ritual que então apareceu, fui proposto para orador da loja, e aí fiz os meus ensaios de eloquência sanguinária, pedindo diferentes cabeças, como quem pede confeitos pela Semana Santa. Os meus irmãos ouvintes, que tinham todos uns nomes de guerra medonhos, tais como Átila, Gengiscão e Alarico, tomaram-me tamanho medo que me foram denunciar à polícia como demagogo e me exautoraram das funções da palavra.” (Cap. I, CABEÇA. p. 102 PDF)

63. “Naquele tempo, os meus pensamentos eram todos dirigidos por cálculos e raciocínios” Faça a relação entre a frase destacada e o título da segunda parte do romance.

64. Qual o tipo de sujeito da primeira e segunda oração do segundo parágrafo, e qual o impacto do seu uso na frase?

65. “Eu conhecia na intimidade uns homens de inteligência espalmada e cabeça escura como o cano de uma bota; homens sem ciência nem consciência;” Dentro do trecho, a que serve o uso da palavra em destaque? E qual o processo de formação de tal palavra?

66. O primeiro e segundo parágrafo nos apresentam uma contradição, explique com suas palavras que contradição é esta?

67. “Disse que a mocidade estava a rebentar de cometimentos grandiosos em serviço dos interesses materiais do País. Todos os meus artigos falavam em cometimentos grandiosos e interesses materiais do País. “ Aponte sinônimos para as palavras "cometimentos" e "interesses" usadas no trecho. Em seguida, discuta a importância da variação lexical na escrita e como a escolha de palavras pode influenciar a clareza e o estilo de um texto.

68. Com base no trecho: "Disse que a mocidade estava a rebentar de cometimentos grandiosos em serviço dos interesses materiais do País," qual é o principal tema ou tópico abordado no texto?

69 "Aqui me foi pedida a licença de usar de pistolas; e, como eu não a tivesse, ia ser metido em processo, a não me valerem alguns amigos que podiam muito com a autoridade. Vejam que trabalhos!" No fragmento, a que trabalhos se refere o personagem.

Eu tinha um amigo que se namorara duma modista francesa e me pedia que fosse intérprete do seu coração, na língua de Vítor Hugo. Não me pareceu custoso fingir a língua de Vítor Hugo, sendo a semelhança julgada pela modista. Parece-me que Vítor Hugo não entenderia as minhas cartas escritas no seu idioma; quero, porém, acreditar que a francesa não acharia mais poesia nem mais correção raciniana no poeta das Orientais.

As minhas cartas pertenciam ao sistema que os mestres em epistolografia amorosa determinaram para as modistas. Era o sistema da precipitação dos sucessos e da catástrofe. À oitava carta, convencionou-se o encontro do meu amigo com a francesa numa quinta em Carnide, indo ela acompanhada de uma sua amiga na carruagem, que devia esperá-las à porta oriental do Passeio Público.

– Como há de ser isto?! — disse eu ao meu amigo — como te hás de tu entender com ela? Cibrão ficou um pouco enleado e respondeu:

– É verdade!... como hei de eu entendê-la!... Há quinze dias que comprei um dicionário português-francês e uma guia de conversação; mas pouco ou nada sei...

– Como há de ser isto? Eu acho ridícula a tua posição se, às primeiras palavras da francesa, tens de lhe dizer, numa língua que ela não entende, que não percebes a língua que ela te fala. Vocês afinal acabam por se rirem francamente um do outro, e com o ridículo matam o amor.

– Vais tu comigo? — acudiu Cibrão, de golpe.

– Vou; mas, ainda assim, o que faço é aumentar com a minha ida os personagens da farsa. Como queres tu que a francesa me faça a língua do seu coração, se eu suponho que a sua vontade é dizer-te coisas que envergonham dois amantes na presença de terceira pessoa? E calculas tu quanto seria cômico estar eu entre ti e ela comendo para francês e traduzindo para português a linguagem intraduzível dos suspiros? Afinal rir-nos-íamos todos três. A minha opinião é que não vás. Inventas um pretexto, que dê em resultado uma outra entrevista, em que se dispense um longo prefácio de palestra e em que o silêncio seja necessário como recato e cautela. Não vás a sítios em que a natureza campestre te obrigue a discorrer acerca de flores e delícias das tardes estivas. Procura um encontro nas trevas, de modo que a tua inteligência de línguas fique também em trevas, dando-lhe tu em compensação as mais significativas

provas de tua sensibilidade, sem alardo de espírito. Às frases responde suspirando. O je vous aime virá sempre a propósito. Aprende a conjugar bem o verbo aimer.

– Esse já eu sei.

– Já? Eu amo?

– J'aime.

– Eu amarei.

– J'aimerai.

– Bem. Je t'aimerai pour la vie, par toujours, éternellement. Entendes?

– Perfeitamente.

– O mais que pudesses dizer seria um pleonasmo. Cifra-te nisto. Adão amou Eva, sabendo dizer muito menos, se me não engana o juízo que eu formo da organização das línguas. Os irracionais também se amam sem diálogo, se não devemos chamar diálogo ao gorjeio dos passarinhos e aos bramidos da leoa sedenta de amor, quando o querido lhe ruge da vizinha selva. Imitemos os bichos para sermos naturais alguma vez.

– Mas afinal — interrompeu Cibrão — que dizes tu? Aconselhas-me que não vá a Carnide?

– Parecia-me imprudente...

– A boa hora me vens pregar prudências! Hei de ir, e tu vais comigo. Prometo dispensar os teus conhecimentos para me fazer entender. Conjugarei o verbo desde o tempo presente do modo indicativo até ao imperativo. Eu darei o braço à francesa e tu ficarás com a outra. A quinta está ajardinada com sombrias grutas de murta; nestas grutas mora o amor; o amor nos ensinará a falar.

70.

A metalinguagem é um fenómeno de uso de exemplos da língua portuguesa aplicados a um contexto onde a linguagem utilizada explica a si própria. Transcreva o fragmento em que existe este recurso no texto apresentado.

71. “Vocês afinal acabam por se rirem francamente um do outro, e com o ridículo matam o amor.”

“A quinta está ajardinada com sombrinhas grutas de murta;
nestas grutas mora o amor; o amor nos ensinará a falar.”

.Nos dois trechos acima podemos observar o uso da metáfora ao se referir ao sentimento que acometia o personagem Cibrão. De que forma o uso figurado não denotativo da palavra “amor” reflete a importância dele para os fragmentos citados?

72. “À oitava carta, convencionou-se o encontro do meu amigo com a francesa numa

quinta em Carnide, indo ela acompanhada de uma sua amiga na carruagem, que devia esperá-las à porta oriental do Passeio Público.”

Podemos perceber no trecho selecionado a ocorrência da crase em dois momentos distintos. Explique a diferença delas em cada uma das frases.

73. Victor-Marie Hugo foi poeta, dramaturgo e político francês, autor de “Os Miseráveis”. Ao falar da paixão do amigo, o narrador utiliza uma figura de linguagem para classificar a língua francesa como “a língua de Vitor Hugo”. Explique, evidenciando a figura de linguagem utilizada, qual o papel desempenhado por esta na descrição do narrador.

74. Ao dizer que “Parecia-me imprudente...” o personagem opta por utilizar o pretérito imperfeito ao invés do presente “parece-me” ou pretérito perfeito “pareceu-me”. Dentro do contexto da conversa entre os dois amigos, justifique a flexão do verbo destacando também a relação que ela possui com o uso das reticências.

75. Localize no trecho citado e transcreva o fragmento em que Silvestre aconselha Cibrão a amar de forma natural e justifique esta fala do personagem com relação à aventura amorosa do amigo.

76. Um pleonasma é um desvio gramatical que consiste na repetição desnecessária de um termo ou expressão. A que se refere a frase “O mais que pudesses dizer seria um pleonasma” e explique por qual motivo o personagem considera-o desta forma?

77. Ao dizer “linguagem intraduzível dos suspiros” o personagem utiliza um tipo de linguagem típica de outro gênero textual. Qual é a linguagem utilizada e o que o personagem classifica como uma “linguagem intraduzível dos suspiros” ?

“Perdoe-me a memória de Silvestre. A calúnia, conquanto escrita em palavras cultas e penteadas, é sempre calúnia. Elegâncias da linguagem, por mais que valham na retórica, valem nada para o desconceito de quem injustamente difamam. O jornalismo do Porto teve e tem admiráveis e valentes mantenedores da honra contra classes poderosas pela infâmia nobilitada. A conta de muitos poderia escrever-se o que o finado Silvestre disse de um, nestes termos, que trasladamos dos seus manuscritos: Havia aí uma forte alma e audaciosa inteligência, que levou a mão à máscara de alguns para lhes estampar o ferrete na testa.

O jornal brioso, que a tanto ousara, expirou à míngua de subscritores, porque os afrontados por ele iam, de porta em porta, mandar uns e pedir a outros que retratassem as moedas de cobre à receita do escritor, que as não queria para si. O heróico moço, rodeado de inimigos até ameaçado na vida, cruzou os braços, descorçoado, e disse:

“É impossível! Cuidei que teria por mim os incorruptos; mas a peste não respeitou consciência alguma.”

Num país em que o Governo atalhasse os interesses do Estado, e o renome honrado da cidade, aquele jornal seria sustentado a expensas do tesouro; aquele jornalista seria acrescentado em bens e honras; aqueles réprobos, indigitados pelo órgão da voz pública que é sempre a voz dos fracos e dos inermes, seriam por seu mesmo decoro e dos poderes que os nobilitariam, obrigados a refutarem a detracção ou a despirem nas praças os arminhos com que escondem o pescoço à corda de esparto.”

78. "No volume denominado Coração encontro algumas poesias, que não traslado, por desmerecerem publicidade, sobre serem imprestáveis ao contexto da obra. Não designam as pessoas a quem foram dedicadas, nem me parecem coisa de grande inspiração. Silvestre, em poesia, era vulgar; e a poesia vulgar, mormente na pátria dos Junqueiros, dos Álvares de Azevedo, dos Casimiros de Abreu e dos Gonçalves Dias, é um pecado publicá-la. Sonego, pois, as poesias, em abono da reputação literária do nosso amigo" O fragmento não é escrito pelo mesmo personagem que escreve o restante do livro. Transcreva do texto um trecho que confirme essa afirmação.

79. “O jornalismo do Porto está acorrentado às ucharias dos ricos. O jornalista por via de regra é um pobre homem, que vive do estipêndio cobrado com franciscana humildade à porta do assinante. Para os festins do fidalgo de raça era chamado o versista com as consoantes prévias do soneto na algibeira, onde não havia outra coisa. Nos tumultuosos jantares do fidalgo de indústria há talher para o gazeteiro, que já deixou na estante dos caixotins a local sumarenta, inspirada pelo antegosto das viandas, que lhe arrastam na torrente a alma para o estômago.”

No livro “Coração, Cabeça, Estômago” o trecho acima se passa um parágrafo antes do Texto 2. Durante o decorrer do livro é possível perceber a presença de outras Notas e notas de rodapé que, no contexto da história, não foram escritas pelo autor do livro. Evidencie as duas vozes que funcionam no papel de narrador da história e explique, utilizando como exemplo o trecho acima e o Texto 2, como elas se contrapõem.

80. Explique como o uso das duas vozes presentes no texto contribuem para a construção da narrativa.

81. “A calúnia, conquanto escrita em palavras cultas e penteadas, é sempre calúnia.”

Reescreva o trecho acima, substituindo a conjunção sublinhada por conjunção concessiva, mantendo o mesmo sentido e a mesma estrutura do período original.

82. O segundo narrador utiliza a nota como forma de discordar de Silvestre no seu posicionamento sobre o jornalismo de Porto, no entanto, o descontentamento de Silvestre nem sempre foi dessa forma. Transcreva do Texto 2 o fragmento em que o segundo narrador demonstra essa mudança de ideias.

83. “Havia aí uma forte alma e audaciosa inteligência, que levou a mão à máscara de alguns para lhes estampar o ferrete na testa.” Diga quem está fazendo o relato nesse fragmento e, em seguida, justifique sua presença nessa nota, tendo em vista a função desse gênero.

84. “Elegâncias da linguagem, por mais que valham na retórica, valem nada para o desconceito de quem injustamente difamam.” A que ou quem se refere o sintagma “de quem injustamente difamam”?

85. No trecho:

“Logo que me aposentei para largo tempo na minha casa, curei de remover e prevenir todos os empecos ao sossego das minhas digestões. Quando esta providência falta, nenhum cálculo vingá.” (BRANCO)

A) Reescreva o período sublinhado de modo que a oração adverbial seja reduzida.

B) Rescreva o período sublinhado de modo que haja inversão na posição das orações adverbial e principal.

86. No trecho “Mais um argumento da capacidade do estômago para afogar em si as decepções da política! Como a câmara electiva fosse dissolvida, decretou o poder executivo novas eleições.”

A) O conector da oração sublinhada tem qual valor semântico?

B) Como ficaria a reescrita da oração em destaque com outro conector de igual valor semântico?

87. Na leitura do trecho “O pai de Tomásia erguia a toalha da mesa, onde almoçamos, às sete horas da manhã, sopa de ovos, sal-picão, batatas ensopadas com toucinho e toucinho cozido com batatas, disse-me que sua filha estava casadeira e ele disposto a casá-la comigo, se eu quisesse.”

A) Qual a função sintática da oração em destaque?

B) Reescreva a oração em destaque, antecedida de sua oração principal, de modo que haja discurso direto (e não se esqueça de alterar o tempo verbal para esse tipo de discurso).

88. No trecho “O pai de Tomásia erguia a toalha da mesa, onde almoçamos, às sete horas da manhã, sopa de ovos, sal-picão, batatas ensopadas com toucinho e toucinho cozido com batatas, disse-me que sua filha estava casadeira e ele disposto a casá-la comigo, se eu quisesse.”

- a) O conector “se” assume qual valor semântico?
- b) Como ficaria a oração em destaque reescrita com outro conector de mesmo valor semântico?

89. No excerto “Enquanto os criados comiam sofregamente as cerejas, as peras, os malápios e os gelemendes, Tomásia, ora com a pá, ora com a peneira, limpou uma rima de centeio (...).”

- a) Qual é a oração de valor adverbial?
- b) Qual é o valor semântico do conector “enquanto”?

90. Leia o trecho:

“...Os entendidos hão de achar que esta gravidade sentenciosa só pode ser dada a uma inteligência algum tanto espalmado pela pressão do estômago. E assim é que se explicam os adiposos bacamartes do frade cujo intelecto se nutria e inflava nas roscas do cachaço, pedestal digno daquelas grandes e repletas cabeças.

A ciência do frade, pois, era a ciência das funções alimentícias. Todo o estômago, bem regulado, produz um gênio”

- A) A sátira é um elemento presente ao longo de Coração, cabeça e estômago, tendo como recurso marcante, o uso da ironia. Identifique no fragmento um trecho que confirme essa ideia. Depois, explique de que forma a ironia foi utilizada.
- B) A palavra “cujo”, utilizada no trecho acima, possui uma relação de sentido entre os termos. Quais são esses termos? E qual a relação de sentido que essa palavra estabelece.

91. Leia o trecho a seguir retirado do capítulo V da parte Estômago, e responda à questão:

“E a esperança é uma virgem de encantos doidos, a qual vos não deixa gozar os encantos doutra virgem que vos alinda os bens presentes.

E a meditar assim adormeci, reclinado sobre uma moita de malmequeres e boninas. Quando acordei tinha sobre a face um lenço de linho, branco de neve.”

- a) Com base no trecho “[...] E a esperança é uma virgem de encantos doidos [...]”,

sinalize e descreva a figura de linguagem usada para representar a esperança e explique o significado dela no contexto da passagem.

b) Ao analisar o lenço de linho branco de neve de forma simbólica, qual é o possível significado desse elemento no contexto atribuído?

92. Leia o trecho do texto:

[...] “O ex-regedor, escorrendo o suor glacial da morte, ergue-se sobre os joelhos no seu catre, inteiriçou os braços descarnados; e, quando ia morrer nos braços do vigário, comeu uma perna de galinha e salvou-se.”

No fragmento os relatos do autor, nos remete a um tempo em que a medicina moderna parecia não ser procurada.

Retire do texto a expressão que nos leva a essa percepção. Justifique.

93. Considerando o texto correspondente:

[...] “O ex-regedor, escorrendo o suor glacial da morte, ergue-se sobre os joelhos no seu catre, inteiriçou os braços descarnados; e, quando ia morrer nos braços do vigário, comeu uma perna de galinha e salvou-se.”

a) Identifique na oração uma hipérbole (figura de linguagem) e justifique a sua aplicação no texto.

b) Desenvolva o argumento usado pelo autor de uma das capacidades que o estômago tem para afogar em si mesmo as decepções.

94. Analisando o trecho transcrito, em seguida, desenvolva as questões propostas:

Procurei o refúgio dos penates, o lar em que derivam bem-aventuradas as gerações dos meus passados. Saboreei-me nas delícias do repouso, posto que em volta de mim só visse as imagens da numerosa família que descansava no pavimento da pequenina igreja. Lá estavam todos, como operários, que findaram sua jeira e, ao entardecer, encostaram a face ao pedestal da cruz e adormeceram.

Meditei no suave viver dos meus pais e comparei-o às dores, umas lastimáveis e outras ridículas, que me tinham delido o coração, e desconcertado o aparelho de pensamento. Viver segundo a razão, alvitre que os filósofos pregoam, é bom de dizer-se e desejar-se, mas enquanto os filósofos não derem uma razão a cada homem, e essa razão igual à de todos os homens, o apostolado é de todo inútil.

a) Explique a relação antitética que é expressa no segundo parágrafo por meio de um recurso linguístico e especifique tal recurso.

b) A partir do trecho destacado abaixo, classifique as orações destacadas e apresente a função sintática do pronome relativo “que” na segunda oração:

“Saboreei-me nas delícias do repouso, **posto que em volta de mim só visse as imagens da numerosa família que descansava no pavimento da pequenina igreja**”

“Naquele tempo, os meus pensamentos eram todos dirigidos por cálculos e raciocínios. O meu alvo mais remoto era ser ministro da coroa. Estavam as minhas faculdades regidas pela cabeça. As cabeças de alguns ministros, quando não tivessem outro préstimo, nem provassem outra coisa, muito puderam, convencendo-me da minha aptidão para os cargos superiores da república. Eu conhecia na intimidade uns homens de inteligência espalmada e cabeça escura como o cano de uma bota; homens sem ciência nem consciência; rebotalhos da humanidade, arremessados à margem pela torrente caudal das transformações sociais; espíritos tolhidos de gota, sem saudades, sem crenças, nem aspirações; entulhos de má morte, que atravancavam todo o progresso e escarneciam com gosmento sorriso as expansões atrevidas da geração nova que a cada passo queria arvorar um marco de adiantamento. Conheci estes homens, e conheci os ministros da coroa, sopesando debaixo dos pés chumbados à terra, que ameaçava engoli- los, a explosão das ideias e o peito da mocidade que se afrontava com o possante atleta da rotina.

Comecei a publicar uma série de artigos contra os velhos, e disse mesmo que era necessário matá-los, como na Índia os filhos faziam aos pais inválidos para o trabalho. Estes artigos criaram os meus créditos de estadista, e muitas simpatias. Escrevi o panegírico da geração nova, se bem que a geração nova não tinha feito coisa nenhuma. Disse que a mocidade estava a rebentar de cometimentos grandiosos em serviço dos interesses materiais do País. Todos os meus artigos falavam em cometimentos grandiosos e interesses materiais do País.

Naquele tempo fui convidado a alistar-me na maçonaria, e, depois de prestar os juramentos terríveis sobre uma bainha de espada, único objeto do ritual que então apareceu, fui proposto para orador da loja, e aí fiz os meus ensaios de eloquência sanguinária, pedindo diferentes cabeças, como quem pede confeitos pela Semana Santa. Os meus irmãos ouvintes, que tinham todos uns nomes de guerra medonhos, tais como Átila, Gengiscão e Alarico, tomaram-me tamanho medo que me foram denunciar à polícia como demagogo e me exautoraram das funções da palavra.” (Cap. I, CABEÇA. p 102 PDF)

95. “Naquele tempo, os meus pensamentos eram todos dirigidos por cálculos e raciocínios” Faça a relação entre a frase destacada e o título da segunda parte do romance.

96. Qual o tipo de sujeito da primeira e segunda oração do segundo parágrafo, e qual o impacto do seu uso na frase?

97. “Eu conhecia na intimidade uns homens de inteligência espalmada e cabeça escura como o cano de uma bota; homens sem ciência nem **consciência**;” Dentro do trecho, a que serve o uso da palavra em destaque? E qual o processo de formação de tal palavra?

98. O primeiro e segundo parágrafo nos apresentam uma contradição, explique com suas palavras que contradição é esta?

O homem não se deve somente à sua felicidade — primeira máxima.

O principal egoísta é aquele que se descia em explorar o coração alheio para opulentar o próprio com as deleitações do amor — segunda máxima.

Como a felicidade do egoísta é um paradoxo, a felicidade pelo amor é impossível — terceira máxima.

Quarta — o bem particular é resultado do bem geral.

Quem quiser ser feliz há de convencer-se de que sacrificou ao bem geral uma parte dos seus prazeres individuais — quinta máxima.

O amor, considerado fonte de contentamentos ideais, é o sonho de um doido sublime — sexta.

Sétima — a mulher é uma contingência: quem quiser constitui-la essência da sua vida aleija-se na alma e cairá setenta vezes sete vezes das muletas a que se ampare do chão mal gradado e barrancoso do seu falso caminho. (Cap. I, CABEÇA. p. 96 PDF)

99. Após observar as máximas apresentadas no excerto acima, infira o que seriam amor e felicidade segundo o narrador.

100. Nomeie e discorra sobre duas características do movimento literário do romance usando como base o trecho acima.

101. “O homem não se deve somente à sua felicidade”; “O principal egoísta é aquele que se descia em explorar o coração alheio (...); “Quem quiser ser feliz há de convencer-se de que sacrificou ao bem geral (...)” Os trechos apresentados, retirados do texto, contém palavras destacadas em negrito. Explícite a função de cada uma em seu contexto frasal.

“Posto que os dissabores fundos da minha vida passada me fizessem ver com tédio os regalos da sociedade, fui obrigado pela minha posição nas letras a comparecer nos focos da civilização. Escrevi alguns folhetins, historiando os prazeres fictícios daquelas noitadas, e mediante eles granjeei a estima das donas da casa; e quer-me parecer que, se eu tivesse coração naquela época, as virtudes da cidade da virgem seriam hoje uma coisa muito equívoca.

Como detesto a fatuidade, inibo-me de contar as demonstrações mais ou menos recatadas que recebi de singular afeto.

Não intento desdourar as demais senhoras de Portugal dizendo que as há no Porto que se avantajam em formosura a quantas conheço, exceto a leitora.” (Cap. I, CABEÇA. p. 99PDF)

102. Após a leitura do excerto acima, e tendo em mente que o romance é contado em primeira pessoa, aponte pelo menos um elemento que reafirme essa característica.

103. No trecho do texto acima é possível observar em todos os parágrafos um elemento de coesão textual, aponte este elemento e destaque um exemplo dele em cada parágrafo.

104. Na primeira frase do trecho em destaque vemos o descontentamento do personagem com a sociedade no geral, relacione essa visão de mundo com a visão anterior quando o personagem ainda era movido pelo “coração”.

GABARITO

1. A oração que constitui atributo é “que vivia da caridade de um ourives” e ela se classifica como oração subordinada adjetiva explicativa.

2. “mas os olhos eram bonitos e o jeito de encostar a face à mão tinha encantos”

3. Esboçava-lhe os olhos nas tabuinhas verdes das persianas

4. “a mulher podia estar doente” e “podia estar apaixonada”

5. À vizinha do narrador.

6. Significam “militarmente” e “timidez”

7.

- A personagem é a irmã de Marcolina, alcoólatra e desabrigada, que é levada ao hospital, para morrer.
- O sintagma “suas companheiras de desgraça” se relaciona às amigas da irmã de Marcolina e sintetiza o tipo de vida das mulheres analfabetas, sem profissão e sem um casamento, retratadas no romance que se passa em Portugal no século XIX. 2 A palavra “mortalmente” se refere ao adjetivo “doente” e a palavra “continuamente” se refere ao verbo “vociferavam”.

8. As palavras foram formadas a partir dos termos “mortal” e “contínua” que são formadas pelo acréscimo do sufixo “mente”, portanto, são termos formados pela derivação.

Explicando a derivação e a composição:

A derivação é processo que forma palavras pelo acréscimo de “afixos” antes ou depois de um vocábulo, diferentemente da composição, que é um processo de formação de palavras ocorrido quando duas palavras diferentes compõem um novo termo: girar e sol compõem a palavra “girassol” e guardar e chuva, que compõem a palavra guarda-chuva. Em ambos os casos, as palavras se justapõem, o que não ocorre com termos como água + ardente = aguardente. desta + arte = destarte. plano + alto = planalto, que são termos aglutinados, quando partes desses termos podem ser suprimidas ou acrescentadas.

9. O verbo morrer é classificado como intransitivo porque a ação de “morrer” não exige complemento. O verbo, por si só, já expressa o sentido completo para a ação.

10. Relação semântica: condicionalidade

Reescrita: Pode ser que seu inferno interior fosse o deste mundo somente se as lágrimas valem na presença de Deus.

11. As aspas marcam o discurso direto, quando o narrador cita as falas da personagem Marcolina.

12. “ele aniquilou a minha felicidade e desgraçou para sempre duas famílias.”

13. “Sem me encarar, pediu-me uma a uma todas as minhas jóias: dei-lhas”

“Pedi-me todos os meus vestidos, todos, nomeando-os um a um pelas suas cores e estofos: dei-lhos”

Quanto ao uso dos pronomes no português, de acordo com a variante diatópica, ou seja, aquele tipo de variante que é estudado a partir da geografia, existe uma diferença de uso dos pronomes no português brasileiro e no europeu. No primeiro, usamos o lhe sem a contração com o objeto direto “dei-lhe (algo)/alguma coisa) já no português europeu, a contração gera “lho (s) / lha (s), num tipo de “aglutinação” dos complementos verbais em apenas um pronome oblíquo.

14. A linguagem empregada no romance reflete a época e o espaço onde se passa a narrativa. Em termos de língua, observamos o uso do léxico e da sintaxe com marcas

do português de Portugal de um tempo passado, considerada simples e de fácil compreensão, representativa dos ideais românticos.

15. “Não levava comigo cinco réis”

“O coração impelia-me para Augusto; mas eu ignorava a residência dele.”

16. Marcolina recebe um anel do Barão, na tentativa de convencê-la a ficar e se casar. Neste momento, a personagem descreve que o homem quis colocar, à força em seu dedo, um anel muito grande.

17. A história possui dois narradores personagens, o Silvestre da Silva e o amigo que herdou seus escritos para publicar. As vozes desses narradores se alternam através de notas do amigo que publicou o livro, que estão presentes ao longo da narrativa tecendo comentários e, por vezes, dialogando com o leitor e com o próprio Silvestre.

18. A fase que corresponde ao coração é assim nomeada por representar um momento da vida do personagem em que ele é jovem e se deixa levar pelas emoções, apaixona-se por diversas mulheres e é muito romântico. A fase chamada cabeça corresponde ao momento em que o personagem parece guiado pela voz da razão, pensa mais em sua vida profissional e financeira e, até certo ponto, parece desiludido em relação ao amor. Por fim, na fase estômago, o personagem está mais velho, momento da vida em que normalmente as pessoas ganham peso e procuram mais tranquilidade.

19. O nosso amigo Silvestre da Silva, a esta hora, anda repartido em partículas. Aqui faz parte da garganta dum rouxinol; além, é pétala duma tulipa; acolá, está consubstanciado num olho de alface; pode ser até que eu o esteja bebendo neste copo de água que tenho à minha beira e que tu o encontres nos sertões da América, alguma vez, transfigurado em cobra cascavel, disposto a comer-te, meu Faustino.

20. No primeiro enunciado a conjunção “posto que” é concessiva, indicando oposição. Portanto, o fato de os parentes enterrarem o personagem Silvestre representa o contrário do que deveria ser feito, segundo o narrador. Já no segundo enunciado, a conjunção “por isso” é conclusiva, estabelecendo uma relação de conclusão entre a morte do personagem Silvestre e o seu enterro. Para o amigo de Silvestre, narrador do preâmbulo, o personagem não está morto, apenas deixou de ser Silvestre para transformar-se em outra coisa. Por esse motivo, justifica-se a escolha de uma conjunção concessiva, indicando que os parentes teimam em manter Silvestre enterrado mesmo que não esteja morto.

21. A palavra “apodrentados” é formada a partir do processo de derivação parassintética, porque foi acrescida do prefixo a- e do sufixo -entados simultaneamente.

Na parassíntese, é impossível retirar um dos afixos sem que haja perda de sentido. Já a palavra *cobiçosos* é formada a partir de derivação sufixal, acrescida de *-osos*. A escolha dos neologismos demonstra que, para o narrador, não existem adjetivos capazes de descrever a atitude reprovável de seus amigos em relação à personagem Martinha.

22. No trecho destacado o uso do diminutivo está relacionado à afetividade e, nesse caso, não há relação com o tamanho da personagem.

23. A mulher é retratada por uma sensualidade exacerbada, que se manifesta através de um simples olhar, comparada a uma tentação demoníaca que domina o homem, e é difícil de resistir.

24. Amei Martinha; e ela, sem eu dizer para ela a parte do meu coração reduzida a pântano, conheceu logo a parte do meu coração reduzida a pântano.

25. O narrador critica a falta de apoio popular quando tentava, através de seus jornais, conscientizar a sociedade portuguesa. Pode-se ver no trecho: “Assanhado pelos estorvos, que me embargavam o passo, escrevi contra a estupidez da geração nova, que não valia mais que a velha, e chamei os povos às armas. O ministério público deu querela por abuso de liberdade de imprensa contra o jornal, cujo redator principal era eu. O jornal foi condenado e os assinantes não pagaram no fim do segundo trimestre.”

26. O tipo de sujeito presente se caracteriza como sujeito simples. A função desempenhada pelo fragmento destacado é a de aposto explicativo.

27. Para o narrador, as referidas patentes não são motivo de honra. Na verdade, representam o fim e a decadência do regime absolutista monárquico, assim como o intestino reto representa o fim do processo digestivo. O local por onde se descarta aquilo que não possui serventia.

28.

a) Narrador personagem

b) Função de aposto explicativo, já que traz uma outra nomeação que explica o cargo do sargento-mor.

29. A conjunção “e” é tipicamente associada à função semântica das orações coordenadas aditivas. No fragmento, no entanto, tem o sentido de oposição, sendo, portanto, uma conjunção coordenada adversativa.

30. Quando cismava nisto, mas me assaltava ao mesmo tempo a cobiça de entrar num restaurante à la carte, e pedir um pastel de pombos, corria-me de vergonha da minha viloa natureza!

31.

Convidativos pêssegos.

Nesse caso, percebe-se a presença da personificação ao passo em que se utiliza uma característica usualmente dos seres humanos à fruta, que é um ser inanimado.

32. A personificação “convidativos”, que foi utilizada para se referir aos pêssegos, tem como função narrativa caracterizar não apenas a qualidade da fruta, mas o apreço do pai de D. Paula à fruta. Uma vez convidativos, as frutas despertaram seu interesse de comê-las.

33. O narrador, através da metáfora, expõe a sua opinião de que sua boa vontade é, em realidade, uma burrice, tendo em vista de que havia elementos claros de que Paula não tinha interesse nele, como o sorriso desacostumado e os trejeitos esquisitos. E ainda, possivelmente fala mal dele para sua prima.

34. Para além no significado literal, existe o sentido produzido de oposição, em que “papelada” aparece como vocábulo negativo por estar associada aos textos literários do defunto, enquanto “papéis” é supervalorizado por representar semanticamente títulos, cheques, posses, etc.

35. Ele quer dizer que apenas o corpo, a matéria, jaz ali. O autor tem uma visão filosófica sobre a morte, por exemplo, ele diz que seu amigo está em comunhão com a natureza, no universo e nas coisas. O primeiro parágrafo é a síntese dessa visão. “O nosso amigo Silvestre da Silva, a esta hora, anda repartido em partículas. Aqui faz parte da garganta dum rouxinol; além, é pétala duma tulipa; acolá, está consubstanciado num olho de alface; pode ser até que eu o esteja bebendo neste copo de água que tenho à minha beira e que tu o encontres nos sertões da América, alguma vez, transfigurado em cobra cascavel, disposto a comer-te, meu Faustino.”

36. Ocorre essa mudança de opinião quando o narrador expressa que a personagem acreditava ser mentira, mas que entretanto, o pedido era verdade, o que por algum motivo se confirma oito dias depois.

- Admirou-se.
- Mentia.
- Verdade.
- Mas.

37.

- “é” é o verbo de ligação que introduz o predicado da frase.
- “opinião”, é o núcleo do sujeito.
- “minha” é um adjetivo possessivo que concorda em gênero e número com “opinião”.

38. abriu o ourives seu peito à órfã.

39. “doutoras” é uma ironia e está presente em seu sentido figurativo, pois o autor traça um perfil de mulheres que liam obras populares e consideradas menos prestigiosas, obras com pouco valor intelectual.

40. Há um eufemismo, pois o verbo “amar” é usado figurativamente para substituir a ideia do contato físico, relação sexual, etc.

41. No contexto, a ideia expressa é a de que os olhos/vistas se encontraram e “disseram”. Com isso, entende-se que a ação verbal é desempenhada pelos olhos/vistas. Portanto, percebe-se que há o processo de personificação.

42. A felicidade é retomada. O pronome “ela” deixa clara a referência feita à felicidade.

43. [...] pois essa é como a fina essência das flores destiladas, que perde o aroma, destapado o cristal que a encerra.

44.

- “Ao” é uma contração da preposição “a” junto com o artigo definido “o”, que introduz o complemento nominal “sistema”, indicando uma relação de pertencimento.
- “que” é uma conjunção integrante que introduz a oração subordinada adjetiva restritiva.

45.

- “queres” = presente do indicativo: o verbo “querer” está conjugado no presente do indicativo, indicando uma ação atual, expressando a vontade ou desejo do sujeito.
- “faça” = presente do subjuntivo: o verbo “fazer” está conjugado no presente do subjuntivo, indicando uma ação hipotética, incerta, que depende do desejo ou vontade do sujeito.
- “suponho” = presente do indicativo: o verbo “supor” está conjugado no presente do indicativo, expressando a ação de suposição no momento presente.

46. Neste trecho, o ciúme e as relações familiares desempenham papéis cruciais na evolução da narrativa. O ourives, por sua vez, é picado pelo ciúme e decide abrir seu coração a Leontina, oferecendo-lhe a mão em casamento e uma pulseira de brilhantes como símbolo de seu amor. Esses elementos contribuem para a complexidade do enredo e dos personagens na narrativa, criando um conflito central que gira em torno das emoções humanas, das motivações egoístas e do desejo de controle. O ciúme e as relações familiares problemáticas adicionam camadas de tensão e drama à história, fazendo com que o leitor se envolva com os personagens e suas motivações. A oferta de casamento e a pulseira de brilhantes representam as tentativas dos personagens de moldar o destino de Leontina, tornando a narrativa mais intrigante e rica em detalhes psicológicos.

47. No trecho "Ninguém as queria para passatempo e menos ainda para esposas," os pronomes "as" e "para" desempenham papéis gramaticais distintos e contribuem para a clareza e o significado da frase.

"As" é um pronome pessoal oblíquo átono que faz referência às filhas do ourives mencionadas anteriormente no texto. Nesse contexto, "as" exerce a função de objeto direto do verbo "queria," indicando que ninguém tinha interesse nessas filhas para determinados fins. A presença de "as" esclarece a quem se refere o texto, evitando ambiguidade.

"Para" é uma preposição que introduz uma finalidade ou objetivo. No contexto da frase, "para passatempo" e "para esposas" indicam os propósitos ou destinos para os quais ninguém queria as filhas do ourives.

"Para passatempo" sugere que ninguém estava interessado em tê-las como companhia casual ou entretenimento.

"Para esposas" indica que também não havia interesse em se casar com elas, tornando-as cônjuges.

48. "A" é um artigo definido que antecede a palavra "saída." Nesse contexto, o artigo "a" funciona como um determinante que especifica qual saída está sendo referida. Isso significa que estamos falando de uma saída específica, aquela que o padrinho ordenou. "Para" é uma preposição que indica direção ou destino. Ela conecta a ação de "saída" com o local para onde essa ação está direcionada, que é "a quinta de Almada." A preposição "para" estabelece a relação de movimento ou direção, informando que a saída tem como objetivo chegar à quinta de Almada. A ordem das palavras na frase não pode ser facilmente alterada sem afetar o sentido da sentença. Isso ocorre porque a ordem "a saída para a quinta de Almada" segue a estrutura padrão do português, em que o determinante ("a") precede o substantivo ("saída") e a preposição ("para") indica a direção ou destino. Qualquer reorganização significativa da ordem das palavras poderia alterar a clareza da frase ou o significado pretendido.

49. O verbo de transitividade direta no trecho é "disse."

50. O verbo de transitividade indireta no trecho é "trouxera."

51. O narrador compara o amor atual com os amores da Idade Média, destacando algumas diferenças relevantes, como intensidade e durabilidade dos sentimentos e influência do orgulho e do amor-próprio. Esses temas contribuem para a compreensão da complexidade das relações amorosas na narrativa ao mostrar como o narrador percebe uma mudança nas relações amorosas ao longo do tempo. Ele expressa nostalgia pelos amores da Idade Média, que eram mais profundos e leais, contrastando-os com os amores modernos, que são mais efêmeros e suscetíveis a influências externas, como o orgulho. A narrativa sugere que as relações amorosas contemporâneas são mais frágeis e menos comprometidas do que as do passado, e isso pode ser visto como uma crítica à superficialidade das relações na sociedade atual.

52. Essa passagem destaca a complexidade das emoções humanas e como o uso da linguagem e da retórica pode influenciar a percepção dos sentimentos. O narrador parece reconhecer que sua expressão eloquente pode ter exagerado a profundidade de seus sentimentos, e agora ele enfrenta a realidade de que a chama amorosa enfraqueceu ao longo do tempo. Isso contribui para a caracterização do narrador e para a exploração da natureza ilusória das emoções e das palavras na narrativa.

53. As vírgulas são usadas para separar elementos coordenados na frase, contribuindo para a clareza e a ênfase na mudança que o narrador está descrevendo. As metáforas do amor e do coração como algo "mais íntimo" e "mais combustível" influenciam o tom e o significado da sentença, transmitindo a ideia de uma evolução emocional na narrativa.

54. Neste texto, o autor apresenta uma visão crítica em relação à religião e à moralidade na sociedade. Ele começa destacando que os moralistas religiosos insistem em subordinar a humanidade aos ditames de uma mesma fé. Isso sugere que esses moralistas desejam impor uma única religião como a norma dominante que todos devem seguir. Essa ênfase na conformidade religiosa pode limitar a liberdade individual e a diversidade de crenças. O autor critica a imposição de uma única fé como norma e a rigidez na conformidade religiosa, enfatizando que a adesão estrita a princípios religiosos em uma sociedade secular pode ter consequências sociais e pessoais negativas. Ele sugere que é importante encontrar um equilíbrio entre as crenças religiosas pessoais.

55. Esse trecho ilustra a tensão entre valores religiosos e valores seculares na sociedade representada pelo autor, e a crítica do autor é dirigida à sociedade secular que desvaloriza as crenças religiosas e aqueles que as seguem de maneira estrita. Isso contribui para a compreensão da perspectiva crítica do autor em relação à religião e à sociedade secular.

56. A vírgula e a construção gramatical nesta frase ajudam a enfatizar a ação dos moralistas religiosos e a maneira como eles conduzem a humanidade de acordo com os ditames de uma mesma fé. Isso contribui para a compreensão do ponto de vista crítico do autor em relação à influência da religião na sociedade, destacando o potencial autoritário e limitante dessa influência. A vírgula após "fé" separa a oração que descreve a ação dos moralistas religiosos ("subordinando a humanidade aos ditames de uma mesma fé") do restante da frase, essa separação ajuda a criar uma pausa natural na leitura.

57. As vírgulas são usadas para separar elementos coordenados na frase, como "e morre sequestrado dos prazeres da vida" e "se quiser poupar-se ao desgosto de ser apupado" e "procurando-os". Essa separação indica que esses elementos estão relacionados, mas são independentes na frase. Além do mais, as vírgulas ajudam a criar uma estrutura clara na frase, dividindo-a em partes menores e facilitando a compreensão do leitor.

58. O ato de escrever uma carta tão longa e detalhada simboliza a intensidade dos sentimentos do narrador. É uma expressão de seu desejo de se comunicar e se conectar com a vizinha de maneira profunda e significativa. Quando a vizinha pendura a cartanagem da janela, ela realiza um gesto simbólico poderoso. Ela não apenas recebe a carta, mas também responde à tentativa do narrador de se comunicar. A abertura da janela e o sorriso dela simbolizam uma forma de aceitação e reciprocidade dos sentimentos do narrador.

59. Inicialmente, o narrador expressa aflição e preocupação por não ter visto a vizinha após a entrega da carta. Ele teme que sua ação possa ter sido interpretada de forma negativa, o que cria expectativa e tensão na narrativa. O leitor também compartilha desse sentimento de incerteza. O elemento da expectativa e da surpresa desempenha um papel vital no trecho, mantendo o interesse do leitor e influenciando o desenvolvimento do enredo e dos personagens. A reação da vizinha é uma virada emocional significativa que conduz a narrativa adiante, revela detalhes sobre os personagens e cria uma base para o próximo passo na história.

60. O fato de o narrador e a vizinha serem vizinhos imediatos cria um senso de proximidade física, mas também uma barreira de intimidade. Eles estão próximos fisicamente, mas o narrador não conhece o nome da vizinha e nunca viu seu rosto adequadamente. Essa proximidade sem conhecimento prévio aumenta a curiosidade e o mistério em torno da vizinha. Todas essas descrições e detalhes contribuem para a construção de uma atmosfera de mistério e suspense. O leitor fica intrigado com a vizinha desconhecida, sua relação com o narrador e o que acontecerá a seguir.

61. O pronome "lhe" é um pronome pessoal oblíquo que funciona como pronome de objeto indireto. Ele se refere à vizinha (a dama) e indica a quem algo é feito ou para quem algo é destinado. Neste caso, "lhe" indica que a ação de "vi a preceito a cara" está relacionada à dama. Portanto, "lhe" se refere à vizinha e é o complemento indireto da ação.

O pronome "a" é uma preposição que também atua como um pronome oblíquo átono quando se combina com um verbo que exige a preposição "a" antes do objeto direto. Neste caso, "a" introduz o objeto direto "cara" e concorda em gênero e número com esse objeto, que é feminino singular. Portanto, "a" funciona como uma preposição que liga o verbo "vi" ao objeto direto "cara."

Em resumo, "lhe" funciona como o complemento indireto, referindo-se à vizinha, enquanto "a" é uma preposição que introduz o objeto direto "cara." Esses pronomes contribuem para a estrutura da frase ao estabelecerem as relações entre os elementos da oração, indicando quem está envolvido na ação e como os elementos estão conectados na frase.

62. "Vi-lhe os olhos": Nesta parte da frase, o verbo "vi" (ver) é seguido pelo pronome oblíquo átono "lhe," que indica a quem ou para quem a ação do verbo é dirigida. Nesse caso, "lhe" se refere à vizinha (a dama), indicando que o narrador viu os olhos dela. Os olhos são o objeto direto da ação.

"Vi-lhe o sorriso": Aqui, novamente, o verbo "vi" é seguido pelo pronome "lhe," referindo-se à vizinha. O objeto direto da ação é "o sorriso."

"Vi-lhe um trejeito de gratidão": O mesmo padrão se repete nesta parte da frase, com o verbo "vi" acompanhado do pronome "lhe" em referência à vizinha. O objeto direto da ação é "um trejeito de gratidão."

A função desses pronomes oblíquos átonos "lhe" é indicar que as ações de "ver os olhos," "ver o sorriso" e "ver um trejeito de gratidão" estão relacionadas à vizinha. Eles estabelecem a quem ou para quem o narrador está dirigindo sua atenção e suas observações. Isso ajuda a criar uma conexão clara entre as ações do narrador e a vizinha, contribuindo para a fluidez da narrativa e para a compreensão das ações do narrador em relação à vizinha.

63. A segunda parte do romance chamada “cabeça” é nomeada desta forma por tratar-se do período da vida em que o personagem rege sua vida pela racionalidade, e o trecho em destaque exprime essa ideia da fase em que se está vivendo, momento em que os seus pensamentos são todos “dirigidos por cálculos e raciocínios”.

64. O sujeito de ambas as orações é desinencial, e este é utilizado como recurso para a melhor coesão do texto, evitando o uso repetitivo do pronome pessoal “eu”.

65. O uso da palavra em destaque serve ao propósito de denegrir a imagem desses homens mostrando que eles não ponderam suas ideias e seus conhecimentos são rasos. O processo de formação de palavras responsável pela criação da palavra “consciência” é o de derivação, neste caso derivação prefixal.

66. No primeiro parágrafo o narrador descreve o ócio da geração antiga enquanto tenta enaltecer a nova geração e suas propostas ousadas, já no segundo parágrafo ele se contradiz e destaca que a geração nova também não havia feito nada inovador.

67. Sinônimos para “cometimentos” podem incluir “empreendimentos,” “ações,” “iniciativas,” entre outros. Para “interesses,” sinônimos podem ser “preocupações,” “desígnios,” “objetivos,” entre outros. A variação lexical é importante na escrita, pois permite ao autor escolher palavras que se encaixem melhor no contexto e no tom desejado para o texto. A escolha cuidadosa de sinônimos pode enriquecer a linguagem e tornar a comunicação mais eficaz, atendendo às necessidades específicas do discurso.

68. O principal tema abordado no texto é o comprometimento e a atividade da juventude em relação aos interesses materiais do País.

69. De fato, o personagem ao exclamar “Vejam que trabalhos!” não está se referindo propriamente a algum trabalho em específico. Essa expressão em Portugal, ainda hoje, se refere a situação em que se viu inserido e que demandaria ajuda de seus amigos, dando enorme trabalho a eles para ser solucionada.

70. “Conjugarei o verbo desde o tempo presente do modo indicativo até ao imperativo”.

71. Ao falar de amor de uma forma metafórica utilizando verbos como “matam”, “mora” e “ensinará”, o sentimento torna-se um personagem que, dentro daquele momento estabelecido na trama, possui um papel central e importante para Cibrão e portanto se personifica como um ser.

72. A primeira ocorrência tem o sentido de “com o objetivo de” pois o objetivo da carta era combinar o encontro entre o amigo e a francesa. Já na segunda ocorrência a crase da sentido de “próximo a” “ao lado de” indicando o local em que eles deveriam se encontrar.

73. O narrador não só atribui o nome do autor como o repete duas vezes como se para elevar seu conhecimento e dar importância maior a língua francesa e mostrar ao leitor que este possuía um conhecimento maior sobre a cultura francesa, esse processo é conhecido como antonomásia.

74. Ao utilizar esse tempo verbal somado ao uso das reticências o personagem dá a entender que não está certo sobre a decisão do amigo e que sua opinião pode ter sido alterada uma vez que Cibrão demonstrou saber um pouco de francês. Essa ideia, porém, ainda não está a gosto do personagem.

75. “Imitemos os bichos para sermos naturais alguma vez.” Nesta fala, Silvestre aconselha ao amigo que para o amor não é importante haver sempre diálogo uma vez que os animais se amam de forma natural e sem a necessidade de se comunicar através de palavras, dessa forma, considerando que o amor deve ser natural.

76. O personagem Silvestre já havia dado ao amigo informações suficiente acerca da importância e da conjugação do verbo aimer e, para ele, não havia nenhuma outra informação que pudesse colaborar, sendo assim, qualquer coisa que ele pudesse dizer sobre isso seria repetir mais uma vez aquilo que já havia dito.

77. Aqui o personagem usa a Linguagem Poética para falar sobre o amor que é o sentimento que produz suspiros nas pessoas e, ao chamar de linguagem intraduzível, ele aborda de forma poética o fato de que o amor é uma forma de comunicação que não pode ser expressa em palavras.

78.

- A conta de muitos poderia escrever-se o que o finado Silvestre disse de um, nestes termos, que trasladamos dos seus manuscritos:
- Perdoe-me a memória de Silvestre.

79. No decorrer do romance, que foi escrito por Silvestre, podemos identificar a presença das notas que foram escritas pelo amigo do narrador que, após encontrar o romance do amigo decidiu publicá-lo. Neste trecho evidenciado no Texto 2, o amigo de Silvestre cria uma nota para se opor ao pensamento do autor, Silvestre, que tinha para si uma grande crítica ao jornalismo de Porto na época, defendendo que haviam grandes nomes no jornalismo na época.

80. Enquanto a voz narrativa do personagem Silvestre cumpre o papel de contar a história, a outra surge em momentos específicos para trazer contexto a algumas falas e ações do amigo, algumas vezes até mesmo se contrapondo às opiniões e construções, além disso, é da segunda voz o papel de selecionar os poemas de Silvestre e trazer algumas informações que o outro narrador não traz em sua história.

81. A calúnia, apesar de escrita em palavras cultas e penteadas, é sempre calúnia.

82. A conta de muitos poderia escrever-se o que o finado Silvestre disse de um, nestes termos, que trasladamos dos seus manuscritos: Havia aí uma forte alma e audaciosa inteligência, que levou a mão à máscara de alguns para lhes estampar o ferrete na testa.

83. A voz acima pertence ao personagem narrador principal Silvestre e foi transcrita na nota de seu amigo para justificar sua defesa ao jornalismo de Porto e também para mostrar a mudança de opinião do amigo acerca do tema.

84. Ao jornalismo de Porto.

85.

- a) Ao faltar esta providência, nenhum cálculo vinga.
- b) Nenhum cálculo vinga, quando esta providência falta.

86.

- a) Causa
- b) Já que a câmara electiva fosse dissolvida.

87.

- a) Objeto direto.
- b) Disse-me: - minha filha está casadeira

88.

- a) Condição.
- b) Caso eu quisesse.

89.

- a) “Enquanto os criados comiam sofregamente as cerejas, as peras, os malápios e os gelemendes”.
- b) Tempo.

90.

- a) "A ciência do frade, pois era a ciências das funções alimentícias. Todo o estômago regulado, produz um gênio." Ao enfatizar e valorizar o ato de comer (através de referências ao estômago) o autor faz uma crítica a essa atitude, sem estabelecer um juízo direto. E por dizer o oposto do que pensa, produz a ironia.
- b) A palavra cujo é um pronome relativo que indica uma relação de posse entre frade e intelecto.

91.

- a) No trecho a figura de linguagem usada é a Metáfora. Esta figura de linguagem estabelece uma comparação implícita que atribui características humanas a algo não humano, como objetos, animais ou conceitos. Nesse caso, a "esperança" é personificada como uma "virgem de encantos doidos", ou seja, a esperança é descrita como se fosse uma pessoa com características e comportamentos humanos. Quando Silvestre da Silva usa esta figura de linguagem no trecho apresentado, seu contexto significa que o narrador não acredita mais nas esperanças do futuro, pois para ele a esperança é como algo sedutor, misterioso e incontrolável, que cativa as pessoas com suas promessas tentadoras, mas ao mesmo tempo as impede de desfrutar plenamente as bênçãos do presente.
- b) O lenço de linho branco de neve que cobria o rosto do narrador ao acordar pode ser interpretado simbolicamente como o protagonista tendo acordado após um período de reflexões, limpeza da mente e renovação. Ele é implicado ao momento de clareza e conformidade que o enunciador teve após um período de reflexão e sonho. Ao acordar com esse lenço sobre o rosto, o narrador experimentou uma sensação de renovação, como se estivesse começando de novo, livre de suas angustias. Isso sugere a ideia de conformismo com seu próprio presente, ou seja, ele aceita que está em outro momento de sua vida e que tudo além dos seus 30 anos será diferente de seu passado a qual sente saudade.

92. "...quando ia morrer nos braços do vigário, comeu uma perna de galinha e salvou-se..."

O ex-regedor tinha a saúde abalada por causa de maleitas, em nenhum momento há relatos de intervenção médica para ele. Quando se encontra a beira da morte, recorrem ao estomago para salva-lo."

93.

- a) A figura de linguagem utilizada na oração para dar ênfase no discurso é hipérbole trazendo o sentido de exagero essencial do " suor glacial " para aquele momento de quase morte.
- b) Uma das capacidades é usar a comida como acalento para as dores da alma

(decepções com a política) ou para distração, comer traz satisfação e essa o deixa distraído esquecendo por um tempo as decepções.

94.

a) Através da polissemia da palavra “razão”, que no texto é apresentada não só como um conceito filosófico que deve ser vivido, mas também como um motivo para viver, o autor expressa uma ideia antitética, ou seja, viver a partir da razão (filosófica) é bom, porém, é preciso antes dar uma razão (motivo) para cada homem viver.

b) A oração destacada em negrito é uma oração subordinada adverbial de concessão. Já a oração sublinhada é uma oração subordinada adjetiva restritiva e o pronome relativo “que” é o sujeito da oração.

95. A segunda parte do romance chamada “cabeça” é nomeada desta forma por tratar-se do período da vida em que o personagem rege sua vida pela racionalidade, e o trecho em destaque exprime essa ideia da fase em que se está vivendo, momento em que os seus pensamentos são todos “dirigidos por cálculos e raciocínios”

96. O sujeito de ambas as orações é desinencial, e este é utilizado como recurso para a melhor coesão do texto, evitando o uso repetitivo do pronome pessoal “eu”.

97. O uso da palavra em destaque serve ao propósito de denegrir a imagem desses homens mostrando que eles não ponderam suas ideias e seus conhecimentos são rasos. O processo de formação de palavras responsável pela criação da palavra “consciência” é o de derivação, neste caso derivação prefixal.

98. No primeiro parágrafo o narrador descreve o ócio da geração antiga enquanto tenta enaltecer a nova geração e suas propostas ousadas, já no segundo parágrafo ele se contradiz e destaca que a geração nova também não havia feito nada inovador.

99. Observando as máximas é possível inferir que o amor e felicidade são resultados do sacrifício da individualidade pelo bem coletivo.

100. Tendo em vista o contexto de desilusão pelo qual o personagem está passando neste momento de sua vida temos claramente um sinal de melancolia e desilusão amorosa, como é possível observar na sexta máxima, características típicas do romantismo em sua segunda geração.

101. Na primeira frase o “se” exerce a função de realce, e, portanto, está ali apenas para destacar o que se diz. Na segunda, o uso do “se” indica um pronome reflexivo. Já na terceira, “se” age como um índice de indeterminação do sujeito.

102. Um elemento que claramente aponta uma característica de um texto em primeira pessoa são os verbos todos conjugados na primeira pessoa do singular, dando a entender que tudo que está a ser descrito é de propriedade do narrador.

103. Um elemento de coesão muito presente em todos os parágrafos é o uso do sujeito desinencial, dessa forma evitando a repetição do pronome pessoal “eu” já que o texto está todo na primeira pessoa do singular. Retirando dos parágrafos temos, respectivamente, os verbos “escrevi”, “detesto” e “conheço”.

104. Anteriormente o personagem demonstrava mais esperança em relação às suas crenças sociais, sempre na expectativa de que seria possível alcançar os desejos do coração, já na segunda parte ele se encontra desgostoso por entender as incapacidades de um pensamento mais emocional que lhe renderam apenas desgosto, e passa a traçar críticas à sociedade em sua volta pautando-se na razão.

Sobre a Autora

Hilma Ribeiro

Possui graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2005), instituição onde também concluiu mestrado (2009) e doutorado em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa (2013). Atualmente é professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atuando no ensino Básico no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ), desde março de 2015. É orientadora de Iniciação Científica e coordenadora do projeto de extensão "Rodas de leitura Lélia Gonzalez". Se dedica à divulgação de concepções interdisciplinares na área de Língua, Linguística e Literaturas, sobretudo a partir de questões de identidades socialmente apagadas. Trabalha, ainda, com produção de materiais didáticos para a comunidade interna e externa do CAP/UERJ, com vistas à preparação para o acesso ao Ensino Superior, por meio do ENEM, do vestibular da UERJ e de outros vestibulares nacionais.. Como pesquisadora, possui como escopo teórico o "texto" e suas diferentes interfaces pragmáticas, gramaticais, estilísticas e dos estados da arte, sobretudo das experiências identitárias negras em suas literaturas. Foi bolsista de mestrado da FAPERJ, de doutorado da CAPES e fez parte do Programa Nacional de Pós Doutorado em 2014, com bolsa do CNPQ.

Sobre os Autores

Aleska Hessel Cabral
Alexandre Batista
Alexandre Jose Brito Guedes
Bruno Sousa
Camila Correa
Charleston Chaves
Claudia Oliveira
Daniela Porte
Daíse Assunção
Felipe de Alvarenga Ferreira
Felipe de Andrade Constâncio
Gabriel Nascimento Reis
Giuliano Machado Abbagliato
Hilma Ribeiro
Jaqueline Barros
Juliana da Silva Vieira
Juliana Rodrigues da Silva
Letícia Alves Duarte Corrêa
Livia Paiva dos Reys
Luana Cristine da Silva Duarte
Mônica de Souza Pinto
Renata da Silva
Rosane Monteiro do Nascimento
Silvia Adélia Henrique Guimarães
Sueli dos Santos
Wellington Silva Santana de Oliveira

